

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

VINICIUS DUARTE CAETANO

GEOGRAFIA, REGIÃO E FUTEBOL

Uma nova proposta de disputa do Campeonato Paulista de Futebol

São Paulo

2017

VINICIUS DUARTE CAETANO

GEOGRAFIA, REGIÃO E FUTEBOL

Uma nova proposta de disputa do Campeonato Paulista de Futebol

Trabalho de Graduação Individual II
apresentado ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. André Roberto Martin

São Paulo

2017

AGRADECIMENTOS

Foi uma verdadeira jornada ao melhor estilo Júlio Verne no livro “A volta ao mundo em 80 dias” para que a confecção deste trabalho pudesse ter êxito e tenho muitas pessoas a dedicar e muitas mais por agradecer para que o mesmo pudesse chegar ao seu final.

Agradeço, e muito, o apoio, o suporte, o carinho, as broncas e a compreensão de minha família. Meu pai José Antonio e minha mãe Maria Angélica assim como o apoio de minha irmã Maria Joana e meu irmão Vitor. Agradeço minha avó Odila, minha tia Fátima, Cássia, Tio Tita, Enzo, Dodo e Luis Antonio pela presença constante e apoio moral. Família que sempre esteve presente em cada etapa por mim superada.

Aos meus amigos ararenses Ricardo Grachet, Ygor Grachet, Rodrigo Andreazzi, Daniel Tost, Felipe Morsoleto, André Faber, Cristiano de Freitas, Eduardo Carnelossi, Geraldo Peccinatti, Dany Bruno e José Olívio que cada qual a seu modo me acompanharam e aconselharam permitindo um melhor esclarecimento sobre o que fazer e como fazer diante das adversidades.

Ainda em Araras tenho que agradecer e a dedicar este trabalho para diversas pessoas tais como: Suzane Fazzi, Gina, Carol Andreato, Daniela Scherma, Claudia Teixeira, Saulo Valiero, Kathy Kay, Kaysa Beloto, Rute Moraes, Ricardo Veríssimo, Mateus Silva, Marcus Farbelow, Jean Flores e Philippe Ahmed por aguentarem minhas angústias enquanto fazia meu trabalho próximo a eles e também um grandioso agradecimento aos meus terapeutas Eugenio Wenzel, Dionísio Giongo e Maria Carolina que me aconselharam e me deram suporte emocional para que eu seguisse em frente em vários momentos adversos em que vivi e que ainda enfrento.

Durante o curso conheci e convivi com muitas pessoas que deixaram boas e divertidas lembranças. Algumas delas se transformaram em amizades mais próximas e presentes. Não posso deixar de mencionar o meu amigo de Crusp, Daniel Dias, que esteve presente nos meus momentos mais difíceis e sempre estava lá para me orientar acerca dos problemas vividos. Aos grandes amigos

Gerson de Freitas Junior e Rafael Capelari. Estes dois tanto na faculdade quanto no rugby e no Crusp estavam sempre presentes e participativos em meu dia a dia. Não tenho palavras para descrevê-los.

Do Crusp, como ex-morador não posso deixar de mencionar meus amigos e antigos companheiros de apartamento e vizinhos sendo eles, Claudia e Cris Perozzo, Anelise Marson, Gerson de Freitas (já mencionado antes), Andreia Santos, Branca Majid e Diego Bernhard.

Durante meu percurso na geografia tive a satisfação de lidar com experiências novas além, é claro, do amadurecimento a duras penas diante das adversidades que apareceram. Deixei muitas e boas lembranças em minha passagem pela faculdade e nos estágios e trabalhos temporários realizados, em especial a passagem pela EMPLASA e SEHAB, lembranças que ficarão guardadas com muito carinho e satisfação. Wilson Yuzo, Eduardo Nakamura, Sandro Valeriano, Polly Nobrega, Renato “Pira”, Luiza Cardieri, Priscila Masson, Cris Nardari, Ricardo “menino de ouro”, Reginaldo Silva, Manuel “Juquinha”, Janaína “Mooca”, Marcia Terlizzi, Marcia Amaral, George “Gandhi” Rosa, Alexandre “Pablo” Nascimento, Gustavo Alcoforado e Flávio Camargo.

Não devo deixar de mencionar o papel que o rugby representou na minha vida universitária. Foram incontáveis jogos e diversas dores de cabeça para fazer o time funcionar. Esse esporte foi tão importante para mim que ainda hoje o divulgo e pratico em minha cidade com o time local. Por isso tenho que agradecer de maneira ampla as pessoas com quem conheci, convivi e joguei lado a lado. São muitas pessoas com as quais tive contato e lembranças a serem guardadas nos times a qual joguei sendo o de nossa estimada FFLCH obviamente, onde tudo começou para mim, além da oportunidade que a POLI me proporcionou e permitiu-me jogar torneios maiores. Ainda no rugby tenho o aguerrido time de minha cidade, o Esparta Araras, time iniciado por um grupo de amigos ao qual me juntei numa época em que não estava bem comigo mesmo e que, eles, compartilhando comigo a determinação e vontade de expandir o rugby na cidade e o objetivo de montar um time em que possa jogar torneios pela região fez com que me impulsionasse novamente para atividades e pensamentos positivos.

Para tanto, sem discriminar as pessoas de quais times eu joguei e convivi tenho que destacar alguns nomes que foram muito importantes nesse processo todo dentro do rugby e que são amizades que carrego até hoje. Agradeço e muito a presença de Gerson de Freitas e Rafael Capelari (novamente eles), Luis Antonio “Mamute”, Jorge Tadeu Kulaif, Fabricio Kobashi, Ricardo Inamine, Fernando Nakatani, Victor Ramalho, Rodrigo “Pakato” Bombonatti, Fernando “Alemão” Zeman, Marco André “Judeu”, Renan Galiano, Victor Villagran, André Gallina, Fernando Salgado, Peter Gervai, Cleber Moita, Bruno Masiero, José Olívio (novamente), Josenias Junior, Thiago Casagrande, João Paulo Lunardelli, Paulo Matos, Calhil Hoche e Matheus Malvestiti. Obrigado por terem estado e estando presentes em minha vida.

E para finalizar eu tenho a obrigação de destacar algumas pessoas que foram decisivas e atuantes em meu processo de estudos para este trabalho, de amadurecimento pessoal e suporte emocional. Pessoas com as quais pude contar para inúmeros conselhos, ajudas, paciência quando me viam ansioso ou deprimido ou “travado” na escrita. Agradeço com muito carinho minha tia Regina Duarte, ao meu tio Celso Pommer, Victor Ramalho e ao meu orientador André Martin, obrigado pelo apoio didático, moral e incentivos que vocês me proporcionaram.

E um especial obrigado e eterna gratificação a três pessoas que foram importantíssimas nessa minha jornada. Um muito, mas muito obrigado para minha nova amiga, tutora e “monja budista” Renata Malvestiti que me acompanhou em todo o processo e me ajudou no que foi possível e impossível e, aos meus amigos de longa data Lucas Lopes e Adriana Nakanishi que, assim como Renata, estiveram comigo durante todo o processo do meu trabalho, ouvindo minhas reclamações, dúvidas, dando sugestões, correções, sendo pacientes e bons amigos como sempre foram. Não sei o que seria de mim sem vocês. Mais uma vez um muito obrigado deste “reclamão” que vos fala.

Foi uma jornada e tanto que palavras não descreverão tudo o que foi aprendido e vivenciado em diversas formas possíveis na minha jornada pessoal como estudante da FFLCH-USP. Um muito obrigado por tudo e, quem sabe talvez, um até breve. A USP não é algo que se queira ficar longe por muito tempo.

RESUMO

CAETANO, Vinícius Duarte. **Geografia, Região e Futebol:** Uma nova proposta de disputa do Campeonato Paulista de Futebol. Trabalho de Graduação Individual em Geografia. Departamento de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 97 p.

Este trabalho propõe uma nova organização para a disputa do Campeonato Paulista de Futebol a partir da segunda divisão baseada em critérios de proximidade geográfica entre os municípios participantes. Muitos clubes do interior paulista têm dificuldades na manutenção de seus times. As despesas de um clube de futebol abrangem muitos itens destacando-se os gastos referentes às distâncias que os clubes têm que se deslocar para as competições. Isso sobrecarrega significativamente o orçamento dos clubes que não têm fontes importantes de arrecadação. A proposta objetiva em contribuir para adequação de alguns dos problemas que afetam o futebol paulista, tais como as distâncias entre as cidades, além de propiciar o estímulo e a recuperação de rivalidades históricas regionais e municipais entre clubes e, quem sabe, contribuir com a possibilidade da volta de antigos clubes ou novos entes federados. Para se chegar à proposta final regional foram utilizados como peças fundamentais o conceito de região e suas variações epistemológicas do termo na história da ciência geográfica. Também se aventou no uso de conceitos como o de espaço e organização espacial. A proposta também se apoiou na ajuda de conceitos e tipos de critérios formalmente existentes por órgãos governamentais consultados além, é claro, da realidade futebolística paulista. Aventa-se a propriedade de sua aplicação real, sobretudo a possibilidade de colocar esta proposta em discussão nos meios apropriados.

Palavras-chave: *região e regionalização, futebol paulista, organização espacial, cidades, redes, geografia dos esportes, planejamento, Estado de São Paulo, café, ferrovia.*

ABSTRACT

CAETANO, Vinícius Duarte. **Geography, Region and Football:** A new proposal of dispute of the São Paulo football championship. Trabalho de Graduação Individual em Geografia. Departamento de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 97 p.

This paper proposes a new organization for the competition of the second division of the Paulista Football Championship based on criteria of geographical proximity between the participating municipalities. Many clubs in the interior of São Paulo have difficulties in maintaining their teams. The expenses of a football club comprise many items, especially those related to the distances clubs have to travel to the competitions. This significantly surpasses the budget of clubs that do not have significant sources of revenue. The objective of this proposal is to contribute to the adaptation of some of the problems that affect São Paulo football as an enterprise, such as distances between cities, as well as to stimulate and recover regional and municipal historical rivalries between clubs and, perhaps, contribute to the possibility of old clubs to return or new federated entities to enter the competition. To reach the final regional proposal, the concept of region and its epistemological variations of the term in the history of geographic science were used as fundamental parts. It also ventured into the use of concepts such as space and spatial organization. The proposal also relied on the help of concepts and types of criteria formally existing by governmental bodies consulted beyond, of course, the football reality of São Paulo. The property of its real application is expressed, especially the possibility of putting this proposal under discussion in the appropriate means.

Key-words: *region and regionalization, São Paulo football, spatial organization, cities, networks, geography of sports, planning, State of São Paulo, coffee, railroad.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Hierarquia Urbana do Estado de São Paulo.....	32
Figura 2: Mapa da Macrometrópole Paulista.....	33
Figura 3: Mapa da Aglomeração Urbana de Piracicaba.....	35
Figura 4: Mapa da Malha Ferroviária Paulista em 1984.....	39
Figura 5: Mapa dos Municípios participantes da Série A1 - 2016.....	47
Figura 6: Mapa dos Municípios participantes da Série A2 - 2016.....	48
Figura 7: Mapa dos Municípios participantes da Série A3 - 2016.....	50
Figura 8: Mapa dos Municípios participantes da Segunda Divisão - 2016.....	52
Figura 9: Mapa dos Municípios com clubes federados licenciados.....	55
Figura 10: Mapa dos Municípios com clubes filiados à Federação Paulista de Futebol.	60
Figura 11: Mapa da Distribuição Espacial da População em 2010 - São Paulo.....	61
Figura 12: Mapa das Regiões Esportivas do Estado de São Paulo.....	65
Figura 13: Mapa de Mesorregiões e Microrregiões do Estado de São Paulo.....	67
Figura 14: Mapa das Regiões Administrativas e Metropolitanas do Estado de São Paulo.....	68
Figura 15: Mapa das Regiões de Governo do Estado de São Paulo.....	69
Figura 16: Mapa Rodoviário do Estado de São Paulo.....	70
Figura 17: Quantidade de times na Primeira Divisão por Estado - 2016.....	71
Figura 18: Comparação Estrutural da Organização em divisões.....	73
Figura 19: Mapa da Divisão Regional para a disputada do Campeonato Paulista a partir da segunda divisão.....	74
Figura 20: Mapa dos Municípios participantes da Região da Grande São Paulo e Baixada Santista.....	75
Figura 21: Mapa dos Municípios participantes da Região do Vale do Paraíba.....	76
Figura 22: Mapa dos Municípios participantes da Região Leste.....	77

Figura 23: Mapa dos Municípios participantes da Região Central.....	78
Figura 24: Mapa dos Municípios participantes da Região Nordeste.....	79
Figura 25: Mapa dos Municípios participantes da Região Noroeste.....	80
Figura 26: Mapa dos Municípios participantes da Região Oeste.....	81
Figura 27: Mapa dos Municípios participantes da Região Sul.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Clubes participantes da primeira divisão do campeonato paulista de 2016.....	47
Tabela 2: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016.....	49
Tabela 3: Clubes participantes da terceira divisão do campeonato paulista de 2016.....	50
Tabela 4: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016: Grupo 1.....	52
Tabela 5: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016: Grupo 2.....	53
Tabela 6: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016: Grupo 3.....	53
Tabela 7: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016: Grupo 4.....	54
Tabela 8: Clubes federados licenciados.....	56
Tabela 9: Municípios com mais de um clube federado.....	59
Tabela 10: A – Região da Grande São Paulo e Baixada Santista.....	75
Tabela 11: B – Região do Vale do Paraíba.....	76
Tabela 12: C – Região Leste.....	77
Tabela 13: D – Região Central.....	78
Tabela 14: E – Região Nordeste.....	79
Tabela 15: F – Região Noroeste.....	80
Tabela 16: G – Região Oeste.....	81
Tabela 17: H – Região Sul.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
AU	Aglomeração Urbana
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
EMPLASA	Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A.
FA	Football Association
FPF	Federação Paulista de Futebol
GEIPOT	Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGC	Instituto Geográfico Cartográfico
LCF	Liga Carioca de Futebol
LFP	Liga de Futebol Paulista
LPF	Liga Paulista de Football
METRO	Companhia do Metropolitano de São Paulo
SELJ	Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo

ÍNDICE

Introdução.....	13
Objetivo.....	14
Justificativa.....	14
1. O Esporte na Geografia.....	16
1.1 Futebol e Geografia.....	17
2. Região e Espaço.....	19
2.1 Do Espaço a Região.....	20
2.2 Região na Geografia Tradicional.....	22
2.3 Região no Método Regional.....	23
2.4 Região na Geografia Quantitativa.....	24
2.5 Região na Geografia Crítica.....	25
2.6 Região na Fenomenologia.....	27
3. Redes, Circulação, Cidades: A Organização Espacial na Urbanidade.....	30
3.1 São Paulo Hoje: Complexidade urbana e crescente metropolização.....	32
3.1.1 O Conceito de Aglomeração Urbana: O início da metropolização.....	34
3.2 São Paulo Ontem: O café e a ferrovia como principais vetores econômicos e sociais na formação espacial paulista.....	36
4. O Campeonato Paulista.....	40
4.1 Evolução do Futebol Paulista.....	41
4.2 O Campeonato Paulista Hoje: regulamento e problemática.....	46
5. Nova Proposta para a Disputa do Campeonato Paulista.....	63
5.1 Itens Balizadores.....	64
5.2 Mapa Regional Proposto.....	72
Considerações Finais.....	83
Referências Bibliográficas.....	88
Anexos.....	97

INTRODUÇÃO

O Campeonato Paulista de Futebol, a partir da 2^a divisão, não utiliza um critério geográfico específico para organização de suas divisões, pois se baseia nos resultados obtidos pelos clubes durante o ano, definindo, assim, em qual divisão ele se situará.

Nota-se que os clubes participantes dessas divisões se espalham no próprio Estado, mas muitos acabam se concentrando em determinadas cidades e regiões que coincidentemente são as mais densamente povoadas, enquanto que outros clubes ficam em posições mais isoladas do Estado, longe de outros clubes. Isso acaba viabilizando mais os deslocamentos e a comunicação dos clubes que estão mais próximos do que os que estão em posição mais distantes uns dos outros.

Por esse critério, não existe nenhuma correlação das divisões do Campeonato Estadual com representações de organização regional, tais como as Regiões Administrativas do Estado de São Paulo, as Mesorregiões estabelecidas pelo IBGE ou até mesmo com as regiões esportivas presentes nos Jogos Regionais determinadas pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo.

Com base nesses conhecimentos, aliados à proximidade geográfica entre os clubes federados à Federação Paulista de Futebol (FPF), é possível sugerir um modelo de organização desse campeonato em nível regional. Tal modelo privilegiará a praticidade de deslocamento dentro de uma área menor, possibilitando o aumento do número de clubes profissionais, assim como o retorno de outros clubes que outrora participaram do campeonato paulista e que, hoje, permanecem como clubes sociais.

É sabido que o futebol é um dos esportes mais difundidos no mundo e extremamente popular no Brasil. Chega a ser uma atividade formadora da sociedade brasileira, e por isso, não pode ser visto e analisado apenas como mais uma prática esportiva pura e simples.

A relação do futebol com a geografia possui uma relevância significativa quando analisada em seu aspecto sociocultural, econômico e espacial com trabalhos acadêmicos sendo realizados atualmente. Estes estudos, além de ampliar o campo de análise geográfico sobre o tema, também estão ajudando a desmistificar a ideia de que esportes em geral, nesse caso o futebol, e Geografia, não combinam como estudo acadêmico sério.

OBJETIVO

O presente trabalho pretende sugerir uma nova maneira de organização do campeonato paulista de futebol a partir da segunda divisão com base em conceitos de teoria da região e de organização espacial pertinente e na análise comparativa das regiões administrativas do IGC, IBGE com as regiões administrativas e esportivas da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo.

A finalidade é aproximar geograficamente os locais dos jogos – cidades sedes dos clubes federados, viabilizando uma participação mais regional de clubes, torcidas e profissionais da área a fim de manter a relevância sociocultural da atividade esportiva mais valorizada no Brasil, o futebol. A organização regional proposta seguiu a distribuição dos clubes federados em 2016.

JUSTIFICATIVA

A relevância desse trabalho se justifica pela importância do papel do futebol na cultura, em nível nacional e regional, e da manutenção dessa prática; no interior do Estado de São Paulo, em times menores, evitando que os clubes desistam da participação do Campeonato Paulista por falta de viabilidade econômica.

O desenvolvimento do tema foi motivado com intuito de mostrar que a geografia pode contribuir como uma análise da manifestação sociocultural que o futebol representa no Brasil, já que nesta sociedade o significado do futebol transcende a prática esportiva, além é claro, de contribuir com outra possibilidade de organização espacial que potencialize uma nova maneira de disputa do Campeonato Paulista.

Além disso, intenciona-se mostrar que um geógrafo é capacitado, em gabinete, a fazer um trabalho prévio de planejamento sobre um fenômeno sociocultural ou organização de novos modelos estruturais.

1. O ESPORTE NA GEOGRAFIA

O esporte é uma atividade lúdica, baseado na competição e busca de melhor desempenho. Evoluiu de exercícios físicos e de jogos recreativos para algo mais institucionalizado, com regras e calendários bem definidos, chegando aos dias atuais como algo que vai desde o mais alto grau de profissionalismo, com pessoas sendo muito bem remuneradas para tal, até ao nível amador, onde a prática esportiva visa mais o lazer e a recreação.

Pode-se dizer que sua história remonta a, pelo menos, 4000 mil anos e que muitas atividades, tidas hoje como esportes modernos, se originaram na relação do homem com a natureza, tanto como necessidade de sobrevivência individual, como coletiva (DUARTE, 2003). Atividades primordiais como a busca de alimentos, fuga de predadores, transposição de “barreiras naturais” foram transformadas em atividades esportivas como o alpinismo, iatismo, arco e flecha, hipismo, surfe e as atividades mais rudimentares em esportes como o atletismo, a natação e as lutas.

É no final do século XIX e início do XX que os esportes, em geral, começaram a se organizar de maneira mais marcante e regular com campeonatos, torneios e desafios. Data desse período o ressurgimento dos Jogos Olímpicos, da criação da Copa do Mundo de Futebol, assim como outros torneios mundiais de diferentes modalidades esportivas com suas equipes nacionais.

O surgimento de organizações esportivas, em nível internacional, só foi possível devido ao crescimento da prática esportiva em nível nacional pela difusão dos campeonatos internos, disputados em escala municipal, regional e nacional, tendo como participantes grupos organizados como clubes, times de fábrica, academias, escolas e outros tipos de organização. Direta ou indiretamente, esses grupos representavam suas localidades, cidades ou regiões, dando ou criando um caráter de identidade, pertencimento ou representatividade perante os demais cidadãos de suas respectivas cidades e regiões reforçando uma identidade local, regional e nacional.

A geografia pode estudar os esportes por um olhar simbólico do espaço, compreendido como um fenômeno que vai além de sua qualidade de prática esportiva. Nesse contexto, é preciso entender como os esportes se inserem na sociedade enquanto um fator resultante das relações socioculturais, políticas e econômicas ocorridas no espaço geográfico. (CAMPOS, 2008).

1.1 Futebol e Geografia

O estudo do futebol pela Geografia sempre passará pela abordagem cultural, pois este se refere a um aspecto marcante das culturas de países, estados e cidades (CAMPOS, 2008). Giulianotti (2002, p.8 apud CAMPOS, 2008, p.253) atribui a importância dada ao futebol não apenas porque este é parte de uma cultura, mas também porque “as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado.”

Campos (2008) ainda aponta o futebol como elemento central em diversas culturas e que sua centralidade cultural possui uma profunda importância política e simbólica, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos povos, além é claro de haver o uso político do esporte como instrumento de legitimação de uma nação.

No Brasil o futebol é uma atividade muito importante na formação da identidade nacional. É um elemento simbólico onde consegue reunir sob o mesmo “teto” a elite e o povo, todos unidos sob um mesmo símbolo. DaMatta (2006) afirma que o futebol foi o instrumento catalisador, que o povo brasileiro pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional: a bandeira, o hino e as cores nacionais, esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares e sua hierarquia.

O futebol, como manifestação cultural tanto na escala global, nacional e local é capaz de interferir no nosso cotidiano e no nosso calendário. Ele produz e permeia relações sociais e espaciais. Dessa forma, é possível dizer que

estruturas identitárias e territorialidades são criadas pelo futebol (CAMPOS, 2008). Como exemplo temos estádios, torcidas organizadas, bares temáticos e outros tipos mais de identificação do torcedor para com seu clube preferido.

Hoje em dia, existem diversas pesquisas acerca do desenvolvimento dos esportes nas sociedades urbanas, em especial sobre o futebol devido a sua grande popularidade mundial. O Brasil segue a mesma linha com publicações abrangentes como as dos autores DaMatta, Mascarenhas de Jesus e Proni.

2. REGIÃO E ESPAÇO

O entendimento dos diferentes lugares, regiões, países e continentes assim como as relações humanas com a natureza definem e muito as origens da ciência geográfica, sendo muito caracterizada como uma ciência de estudos de diferenciação de lugares.

Em Megale (1984, p.140), o geógrafo Max Sorre explana que “todas as noções relativas ao espaço, nas ciências da Natureza e do Homem, classificam-se em três chaves: configuração, localização e divisão”¹. Ele diz que a concepção mais simples desse espaço terrestre é o da geodésia, ciência que analisa o planeta como geóide, a partir do princípio de que cálculos matemáticos e composições cartográficas estabeleceriam a base de medição no planeta.

A necessidade geral de localização é algo imprescindível para a humanidade e todos os progressos da ciência geográfica foram precedidos ou acompanhados pelo aperfeiçoamento da cartografia.

A noção do Espaço Geográfico é própria do geógrafo, mas não se caracteriza unicamente pelas dimensões geométricas, pois também é possuidora de variáveis humanas “atuando” sobre a superfície terrestre. “A História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial” (SANTOS, 1982, p. 10). Portanto, o espaço é um produto de um processo sócio-histórico.

O longo processo de organização e reorganização da sociedade se deu juntamente com a transformação da natureza primitiva de campos, cidades, estradas a parques nacionais, hidrelétricas e *shopping centers*. Marcas humanas que definem um determinado padrão de localização e de organização espacial, próprio a cada sociedade, constituindo o espaço do

¹ Reproduzido de SORRE, Max. L'espace du géographe et du sociologue. In: _____. Rencontres de la géographie et de la sociologie. Paris, M. Rivière, 1957. Cap. III, p. 87-114. Traduzido por Januário Francisco Megale.

homem, a organização espacial da sociedade ou, simplesmente, o espaço geográfico. (CORREA, 2007).

A gênese do espaço geográfico é a existência humana, condição essencial para que o homem produza e transforme seu próprio espaço. O espaço é um produto social concreto, nascido do trabalho que, por estar em contínuo movimento, nunca será algo pronto e acabado, pois a produção do ser humano é um processo ininterrupto que transforma a sociedade. O espaço geográfico é a resposta do homem a uma série de necessidades para sua própria sobrevivência. (CARLOS & ROSSINI, 1983).

Portanto, o espaço geográfico construído pela sociedade concreta é uma organização espacial constituída por um conjunto de inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social para que a sociedade possa se realizar, se reproduzir e continuamente se repetir. Organização espacial resultante da superposição de diferentes organizações espaciais específicas herdadas do passado e do presente que conseguem justificar sua permanência através do seu valor econômico ou simbólico. (CORREA, 2007)

2.1 Do Espaço à Região

O conceito de Espaço é o mais abrangente como objeto de estudo da Geografia e, ao mesmo tempo, é o fundamento de outros importantes conceitos: é a partir dele que se começa a elaborar o significado e a forma de outras definições, como habitat, território, lugar, região, paisagem, área e região.

O Habitat se define como o local do comer, beber, dormir – são os lugares onde os seres humanos, como espécie, se reproduzem e vivem. Território é visto como uma área delimitada e administrada politicamente, um espaço delimitado onde os habitats preexistentes conseguem se reproduzir. Todo o ciclo de reprodução dos habitats acaba caracterizando ou produzindo uma paisagem específica. (SILVA, 1986)

Paisagem é como uma “fotografia” da realidade; é a materialização de um instante da sociedade, por exemplo, o que hoje define a paisagem de uma parte do interior de São Paulo, é a monocultura de cana-de-açúcar, enquanto que, até metade do século 20, eram os cafezais. A mudança da economia, do cultivo agrícola e do estilo de vida da região refletiu numa mudança de sua paisagem, ou seja, da configuração espacial que aquele momento temporal caracterizava. Uma paisagem arborizada com pés de café para uma paisagem de “campo aberto” dos canaviais.

Área é um espaço delimitado de maneira cartográfica - precisa e matemática e Lugar é visto como um local dotado de significados, sentimentos ou simples referência geográfica.

O conceito de Região evoluiu como um meio termo entre a ideia de um Lugar — que seria um ponto no espaço — e Território — que seria um espaço político delimitado para um povo se desenvolver — e, ao mesmo tempo, como um lugar e como um território dentro da própria região. É um dos conceitos geográficos mais antigos e mais usados popularmente, principalmente, em caráter informal para localização/definição de lugar.

O termo região vem do latim *régio*, que se refere à unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano. *Régio* deriva do verbo *regere*, que significa *governar*, o que atribui uma conotação eminentemente política (CORRÊA, 2005). O conceito de região representa uma categoria de análise da geografia e é relevante na compreensão do recorte espacial, pois a realidade é composta de espaços diferenciados e necessita-se de parâmetros para entendê-la e para facilitar a noção de localização e de familiaridade com aquele espaço real.

Ao longo da evolução da geografia como ciência moderna, o conceito de região teve vários padrões de pensamento, desde as regiões naturais do século XIX até aquelas vistas como lugares nos anos 70, um espaço territorial pelo ponto de vista sentimental. Cada uma dessas definições possui seu próprio significado e foco de análise específico e obviamente se insere dentro de uma das correntes do Pensamento Geográfico

2.2 Região na Geografia Tradicional

No início do Século XX o Pensamento Geográfico dominante era o embate entre Determinismo e Possibilismo, que tinham em comum o uso conceitual da Natureza como forma de diferenciação dos espaços, tornando-se uma primeira fase conceitual de regionalização dentro da geografia tradicional.

A Natureza é o foco de análise, e o importante na região natural é uma combinação específica da diversidade, uma paisagem que acaba evidenciando uma singularidade de uma porção do espaço com características físicas comuns.

O conceito de Região Natural se apresenta como um tipo de regionalização baseada na descrição da paisagem e de fenômenos, ou grupo de fenômenos que caracterizam um tipo de homogeneidade.

Ele surgiu como um ponto de partida para análises territoriais como meio de compreensão das relações Homem/Meio Natural. É um conceito clássico da Geografia que aparece diretamente na vida econômica e cultural e exerce, até hoje, grande influência no ensino escolar, como elemento básico da compreensão das relações humanas com a natureza.

Esse conceito de região deve ser entendido como uma parte da superfície terrestre dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas e caracterizadas pela uniformidade resultante da combinação ou integração em área dos elementos da natureza, como clima, relevo, vegetação. Em outras palavras, ela é como um ecossistema onde seus elementos se acham integrados e interagentes. (CORREA, 2007)

Usando um critério que parte do visual é possível delimitar paisagens razoavelmente homogêneas e identificá-las como uma região de acordo com alguns critérios comuns, por exemplo, a Floresta Amazônica e o Cerrado, bem como definir regiões montanhosas, litorâneas, planícies, entre outras. Ele ajuda a simplificar a compreensão da elaboração do mapa físico, seja na escala de biomas, seja na de mapa agrícola.

Tanto na perspectiva possibilista quanto na determinista, o conceito de região e o de paisagem torna-se muito parecidos e acabam se confundindo pela visão de unicidade do fenômeno geográfico, com uma extensão territorial e limites razoavelmente identificáveis.

Como as relações humanas são espacializadas no ambiente natural, criou-se uma paisagem específica, que Vidal de La Blache conceituou como Gênero de Vida, em sua teoria possibilista de construção regional. Gênero de Vida seria uma paisagem geográfica, uma região onde predomina uma relação de equilíbrio entre população humana e recursos naturais. Essa população, no sentido da sua vivência, possui um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que lhe permitem utilizar os recursos naturais disponíveis. (ANDRADE, 2008; MORAES, 2002).

O início do século XX foi uma época de grandes evoluções tecnológicas que se sucederam e fizeram mudar a percepção da natureza, não mais como um todo orgânico, mas como uma estrutura mecânica, como objeto manipulável, bastando saber seu funcionamento para poder modificar de acordo com as necessidades ou interesses das sociedades humanas.

É por essa ótica que surge, em oposição ao Determinismo Ambiental e ao Possibilismo, um novo paradigma conhecido como Método Regional.

2.3 Região no Método Regional

O Método Regional buscava sistematizar a Geografia em um meio próprio de investigação e análise para conseguir fundamentá-la de maneira definitiva como Ciência. Com base em critérios específicos, seria possível estabelecer uma divisão regional cujas partes integrariam um todo maior chamado de Geografia Geral. Esta última seria a referência a áreas maiores, globais ou a síntese das regionais.

Correa (2007) ressalta que a diferenciação de áreas não é vista a partir das relações homem/natureza, mas da integração de fenômenos heterogêneos

em uma dada porção da superfície da Terra; o método regional enfoca, então, o estudo de áreas. Sua diferenciação passaria a ser o resultado do método geográfico e, simultaneamente, o objeto da geografia.

O método de identificação de áreas definiria a geografia e, nesse caso, Região seria um simples recorte espacial, uma área estabelecida e delimitada com a finalidade de se averiguar, de mensurar e descrever os fenômenos a serem estudados, estabelecer padrões, classes de análises e suas relações com outras áreas pertinentes.

Portanto, para o Método Regional na Geografia, as combinações de fatores em uma determinada área (região) chegam a ser uma ciência de síntese na combinação das áreas pré-analisadas, logo, os “limites regionais são provenientes de um exercício intelectual, uma construção intelectual do pesquisador”. (LENCIONI, 1999).

2.4 Região na Geografia Quantitativa

Diferente da Região Natural, a Geografia Quantitativa não é considerada uma entidade concreta, é uma construção intelectual do pesquisador cruzando os dados de vários fenômenos diferentes num mesmo espaço geográfico estudado com o objetivo traçado a priori e sim uma criação intelectual balizada por propósitos especificados, tal como aponta Grigg (1973).

A Geografia Quantitativa, também conhecida como Geografia Nova, Teorética e Neo Positivista é uma reestruturação do Positivismo Lógico dando ênfase na racionalização e sistematização dos fenômenos geográficos no Espaço. Nessa nova conceituação todo um aparato técnico, metodológico e científico é empregado principalmente por meio da matemática e das ciências naturais (CAMARGO E REIS JUNIOR, 2004). Padrões matemáticos e estatísticos são elaborados, diagnosticados e devidamente classificados proporcionando a construção de modelos e cenários.

Na geografia quantitativa a região se apresenta como recorte espacial, dotada por algum padrão lógico de organização. Modelos matemáticos e análises classificatórias vão demarcando o espaço em regiões. É uma análise de um cenário que parte do todo e vai para as partes que são regionalizadas em algum critério que possibilite “organizar” o todo.

Nesse panorama a região passa a significar um agregado de lugares com características similares diferenciando-se de outros agregados entre si de acordo com a comparação feita dentro do estudo realizado.

Dessa forma, Correa, 2007, p. 33, afirma que:

Se as regiões são definidas estatisticamente, significa que não se atribui a elas nenhuma base empírica prévia. São os propósitos de cada pesquisador que norteiam os critérios a serem selecionados para uma divisão regional.

É necessário lembrar que para a criação de uma região de estudo deve-se possuir um objetivo e estabelecer critérios técnicos de análise para classificação do objeto estudado.

Na Geografia Quantitativa não existe um método propriamente regional, mas sim estudos a partir dos quais, as regiões são formadas através de classificações espaciais, ou seja, identificam-se padrões espaciais de fenômenos vistos estaticamente ou em movimento. Os modelos são feitos com base em dados numéricos direcionados pelos objetivos do planejador ou de quem está coordenando a tarefa. Essa Nova Geografia torna-se fortemente pragmática e utilitarista ligada ao planejamento.

2.5 Região na Geografia Crítica

Nos anos 70, surgiu uma nova corrente de pensamento denominada Geografia Crítica. Essa corrente de pensamento, de orientação marxista e fundamentada no materialismo histórico e dialético, busca analisar as relações dialéticas das formas espaciais e dos processos históricos que definem os

grupos sociais e contesta muitos aspectos da geografia quantitativa. A intenção não era apenas contestar e criticar a geografia dominante, mas, também, a de procurar uma participação mais ativa nos processos de transformações sociais.

A Geografia Crítica é uma concepção de análise mais ampla, tendo sempre como enfoque a expansão espacial das relações capitalistas de produção e as formas espaciais e os fluxos gerados por ele. Na Geografia Crítica, o principal conceito de análise é o de Espaço.

Os mecanismos de diferenciação de áreas tornam-se nítidos e entendidos quando analisados como produto da divisão territorial do trabalho, dentro do sistema capitalista vigente, no qual a maior parte do mundo está inserida.

Correa (2007, p. 44-45) expressa os temas recorrentes da Geografia Crítica quanto à análise espacial:

- a divisão territorial do trabalho, que define *o que* será produzido aqui e ali;
- o desenvolvimento dos meios e técnicas de produção e a combinação das relações de produção originadas em momentos distintos da história, que definem *o como* se realizará a produção;
- a ação do Estado e da ideologia que se especializa desigualmente, garantindo novos modos de vida e a pretensa perpetuação deles;
- a ampla articulação, através dos progressivamente mais rápidos e eficientes meios de comunicação, entre as regiões criadas ou transformadas *pelo e para* o capital;

A Geografia Quantitativa fornece os critérios a serem utilizados na maneira e elaboração dos levantamentos de dados a serem pesquisados e servem de base para que o desenvolvimento analítico seja mais detalhado.

A Geografia Crítica usa a mesma metodologia que a Geografia Quantitativa, mas com um enfoque diferente. Ela procura ir além da simples constatação dos fenômenos estudados, buscando entender a gênese dos processos que os ocasionam.

A região, além de analisada espacialmente, é focada de maneira funcional, assim como na Geografia Quantitativa.

Para Duarte (1980 apud CORREA, 2007, p.41), "região é uma dimensão espacial das especificidades sociais em uma totalidade espaço-social". A região passa a ser compreendida como área territorial que se forma ou se transforma historicamente num determinado espaço.

Elas são vistas como um espaço de ação do capital resultante da evolução histórica dos lugares e de acordo com as relações político-econômicas existentes e o seu uso do meio natural.

Dessa forma, Correa conclui região como:

(...) uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já ocupado, a Natureza já transformada, heranças culturais e materiais e certa estrutura social e seus conflitos." (CORREA, 2007: 45-46).

A região desempenha um papel importante como meio de interação na produção e reprodução das relações sociais tendo um ideal político baseado na ideia de dominação e poder como fator primordial para a existência da diferenciação regional.

2.6 Região na Fenomenologia

As críticas à predominância da Geografia Quantitativa e do seu positivismo lógico não geraram apenas a corrente de pensamento Marxista. Além da Geografia Crítica, outra corrente destacou-se, a Fenomenologia.

Lencioni (1999) afirma que a Fenomenologia prioriza a percepção do indivíduo e entende que qualquer ideia prévia que se tenha da natureza dos objetos deve ser abolida. É uma corrente de pensamento que parte do princípio de que toda disciplina deve questionar a essência que funda o objeto de sua investigação científica afirmando que é por intermédio do vivido que o indivíduo

se põe em contato com o mundo dos objetos exteriores e não do concebido, ou seja, não de ideias prévias ou de conceitos elaborados.

A autora considera que a percepção advinda das experiências vividas é tida como uma etapa metodológica importante e fundamental para o conhecimento.

A visão fenomenológica coloca a Região como um Lugar, uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo. Ela é um espaço vivido, marcado pelas relações dos homens com o seu ambiente através de laços culturais que promoveriam um tipo de coesão e reconhecimento coletivo dando sentido para a vida cotidiana. (CORREA, 2005; FRÉMONT, 1980).

Vista como Lugar, a região pode ser encarada como local de pertencimento, de sentimentos, local de ritos religiosos ou políticos, como fonte de significados e determinantes de ações sociais, culturais e econômicas.

A região pode ser considerada como um Lugar desde que seja possível verificar a regra da unidade e da continuidade do acontecer sócio-histórico (SANTOS 1996). O conceito de região ocorreria a partir de um laço de pertencimento que estabeleceria, de alguma forma, a identidade entre grupos. Percebe-se uma espécie de identidade que vê o “outro” a partir de uma identificação local ou sentimento de pertencimento a um lugar.

Por exemplo, por pertencerem à região Nordeste as pessoas dos diferentes Estados desta região se identificam e se aproximam segundo um “sentimento” de contiguidade.

Quando popularmente se fala em “nordestinidade”, parte-se de uma ideia de um positivo “sentimento nordestino” para identificar o pertencimento a um laço cultural, histórico e social. Então, pernambucanos e baianos se identificam segundo o “sentimento nordestino” mesmo que, historicamente, possua particularidades distintas. Lembrando que muito desse sentimento é compartilhado principalmente quando ambos se encontram fora de suas terras de origem.

O geógrafo Yi Fu Tuan (1983, p.6) enfatiza o caráter de relativa estabilidade dos lugares, pois “se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar”. O lugar é um espaço dotado de valor, “um mundo de significado organizado”, cujo sentido não seria desenvolvido se vissemos um mundo em constante mutação.

Além dos significados e da importância social do Lugar, há também a visão individual que cada pessoa possui de si mesma e do Lugar em que vive. Independente de onde esteja ela carrega a visão individual e a coletiva da região ou lugar em que vive/viveu.

Raffestin (1993), mesmo não sendo diretamente ligado à fenomenologia, aponta que “defender a região, defender o local é talvez uma simples busca de sentido.” Primeiro se pertence a uma região, um lugar, para depois se pertencer a uma sociedade vinculada a ele.

3. REDES, CIRCULAÇÃO, CIDADES: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL NA URBANIDADE

Na vida moderna, a característica essencial da organização espacial é o desenvolvimento e a evolução dos meios de transferência (transportes, comunicações e transmissão de energia). A origem da sociedade em rede é a constante mudança espacial associada à rapidez do aumento da densidade e da escala da circulação, movimentação das pessoas, objetos e capitais sobre os territórios. (MOREIRA, 2007, p. 57).

Arroyo (1998) afirma que rede é uma comunicação entre pontos no espaço que tende a unificar e, de certa forma, homogeneizar o padrão da circulação para níveis mais gerais de comunicação. É um dado empírico da realidade; nenhum espaço geográfico estaria fora de algum tipo de rede de troca de informações, pessoas e/ou mercadorias.

Nesse contexto, pode-se dizer que uma rede se forma a partir dos vários níveis de circulação entre os pontos no espaço (cidades, povoados, polos). A circulação nada mais é do que a movimentação de todas as coisas pelo espaço desde informações até pessoas. É o ato de se deslocar entre dois pontos e é imprescindível para a vivência dos grupos humanos. Sorre (apud MEGALE, 1984, p. 114),² diz que ela aparece como condição de existência dos gêneros de vida tradicionais e em certa medida como agente de estabilização da região.

Na sociedade urbana em que vivemos as redes de circulação também subentendem uma hierarquia de centros polarizadores, nesse caso as cidades. As cidades se estabelecem em nósulos, possuem um “centro gravitacional” além de controlar e receber fluxos e redes de circulação que se comunicam entre elas de acordo com algum tipo de importância histórica, econômica e cultural. (JUILLARD, 1982).

² Reproduzido de SORRE, Max. La notion de genre de vie et son évolution. In: ___. Les fondements de la géographie humaine. Paris, A. Colin, 1952. t. III, cap. I, p. 11-37. Traduzido Moacyr Marques

Para Moreira (2007), as cidades são pontos de referência de muitas conexões que englobam o espaço terrestre como um todo e exercem o papel de organizadores e centralizadores de territórios. De cada uma das cidades parte uma rede de circulação, orientando o trânsito de mercadorias e de pessoas (fluxos) entre pontos interconectados no espaço (fixos).

Para Correa (2007), essa circulação é a reprodução ampliada do fixo e do fluxo que, interconectados em vários graus de comunicação, montam a organização espacial em rede, dinamizando os espaços e dando importância elevada para alguns pontos, enquanto que outros ficam mais lentos e com menor grau de circulação.

A velocidade e o volume da distribuição das informações, pessoas e/ou mercadorias - fluxos - no espaço geográfico não é uniforme. Eles circulam conforme aumenta a necessidade de deslocamentos mais rápidos e com maior volume de carga transportada em determinados pontos ou rotas.

Muitas destas rotas são dotadas de certa flexibilidade permitindo uma adaptação às exigências das novas funções criadas em momentos posteriores à sua criação. Sendo assim, o moderno e o antigo podem estar juntos ao lado de funções e formas contemporâneas. (CORREA, 2007).

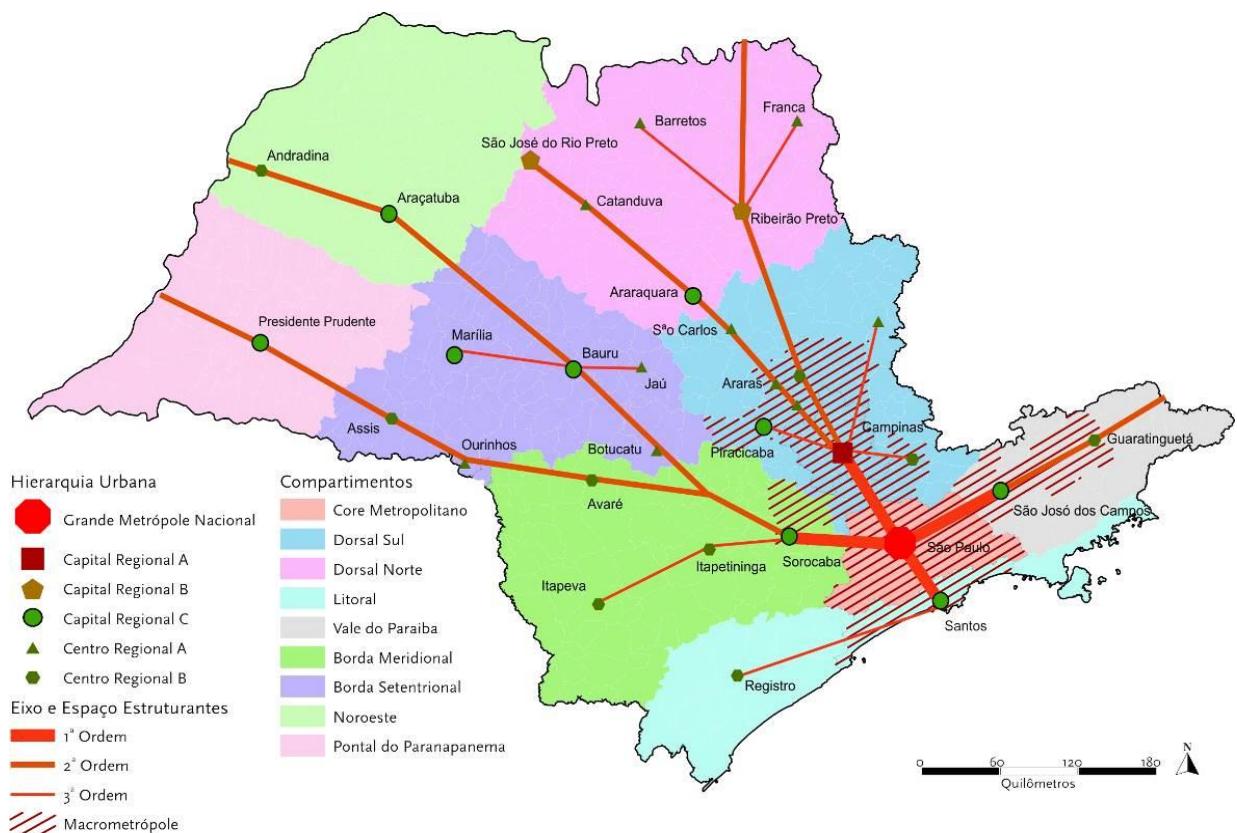
Para Fremont (1980) as cidades vão se tornando centros polarizadores de trocas econômicas, além de os Espaços Econômicos gerarem Espaços Sociais sempre de acordo com os tipos de relações de produção.

Tal argumento é complementado por Juilliard (1982) ao encarar o Espaço como funcionalidade quando há uma uniformidade da paisagem e coesão espacial, um indicador de unidade regional.

Centros Polarizadores geram níveis de importância e organização hierárquica; as cidades caracterizam-se pelo volume populacional, tamanho e intensidade dos fluxos econômicos e suas áreas de influência recém formada. Uma rede acaba sobrepondo outras em decorrência dessas características constituídas em funcionamento, formando uma hierarquização de redes. (Figura 1).

Nesse sentido o processo de concentração e de hierarquização não deixa de se operar, mas em vez de se ordenar em torno de um centro, acaba articulando-se numa rede dominada por um pequeno número de capitais regionais ou de grandes metrópoles (FREMONT, 1980)

Figura 1: Mapa da Hierarquia Urbana do Estado de São Paulo



Fonte: Revista Confins, 2013, n. 19. Org.: Egler, C.A.G.; Bessa, V.C., Gonçalves, A.F.

3.1 São Paulo Hoje: Complexidade urbana e crescente metropolização

O Estado de São Paulo é constituído por espaços de redes múltiplas. Junto da capital, suas cidades médias e grandes polarizadoras como Campinas, Sorocaba e Santos, formam um agregado de redes múltiplas, sobrepondo-se. Assim, atingem o que Fremont (1980) explicita como o Espaço Hiper-Polarizado, o mais alto grau de urbanização e polarização presente nas

metrópoles. É o estágio onde há um grau altíssimo de oferta de serviços, extrema diversidade de trocas e multiplicidade de tipos de atividades. É o estágio onde a metrópole se torna megalópole.

Em São Paulo é o conceito de Macrometrópole Paulista³ que representa toda essa complexidade. A somatória das Regiões Metropolitanas de Campinas, Sorocaba, Baixada Santista, Vale do Paraíba e Grande São Paulo; além de regiões menores que estão numa crescente de forte urbanização como as regiões de Jundiaí e Piracicaba, por exemplo, fez com que todo esse espaço geográfico densamente povoado e interconectado se tornasse no maior aglomerado urbano do hemisfério sul. (EMPLASA, 2017). A Figura 2 logo abaixo mostra a magnitude urbana atingida pela megalópole paulista

Figura 2: Mapa da Macrometrópole Paulista



Fonte: Subsecretaria de Assuntos Metropolitanos. Disponível em: <http://www.sdmetropolitano.sp.gov.br>

Acesso em: 20/5/2017.

³ <https://www.emplasa.sp.gov.br/MMP>

Nesse processo de organização espacial mais intensa, as concentrações econômicas tendem a acentuar-se aglomerando mão de obra, meios de produção, e as atividades à volta dos lugares mais dinâmicos. O desenvolvimento desigual do espaço aparece naturalmente, não são acidentes de percurso. A reordenação do território apresenta-se como um tipo de nivelamento, mesmo que tardio e nem sempre eficaz.

Com o aumento da proximidade e homogeneidade de redes de municípios com aumento da densidade demográfica, velocidade de circulação e dos fluxos, vão sendo consideradas como aglomerados urbanos, um primeiro passo rumando para níveis mais dinâmicos que as regiões metropolitanas possuem.

3.1.1 O conceito de aglomeração urbana: o início da metropolização

Algumas cidades estão numa crescente de urbanização e, de certa forma, de conurbação; esta seria a primeira fase rumo a metropolização. Pode-se afirmar que a aglomeração urbana está intrínseca nesse adensamento de redes diversas. Se cada cidade tem o seu próprio “tempo”, ritmo, em linhas urbanas conectadas, aumentam as chances de mesma sincronia no estilo de vida⁴.

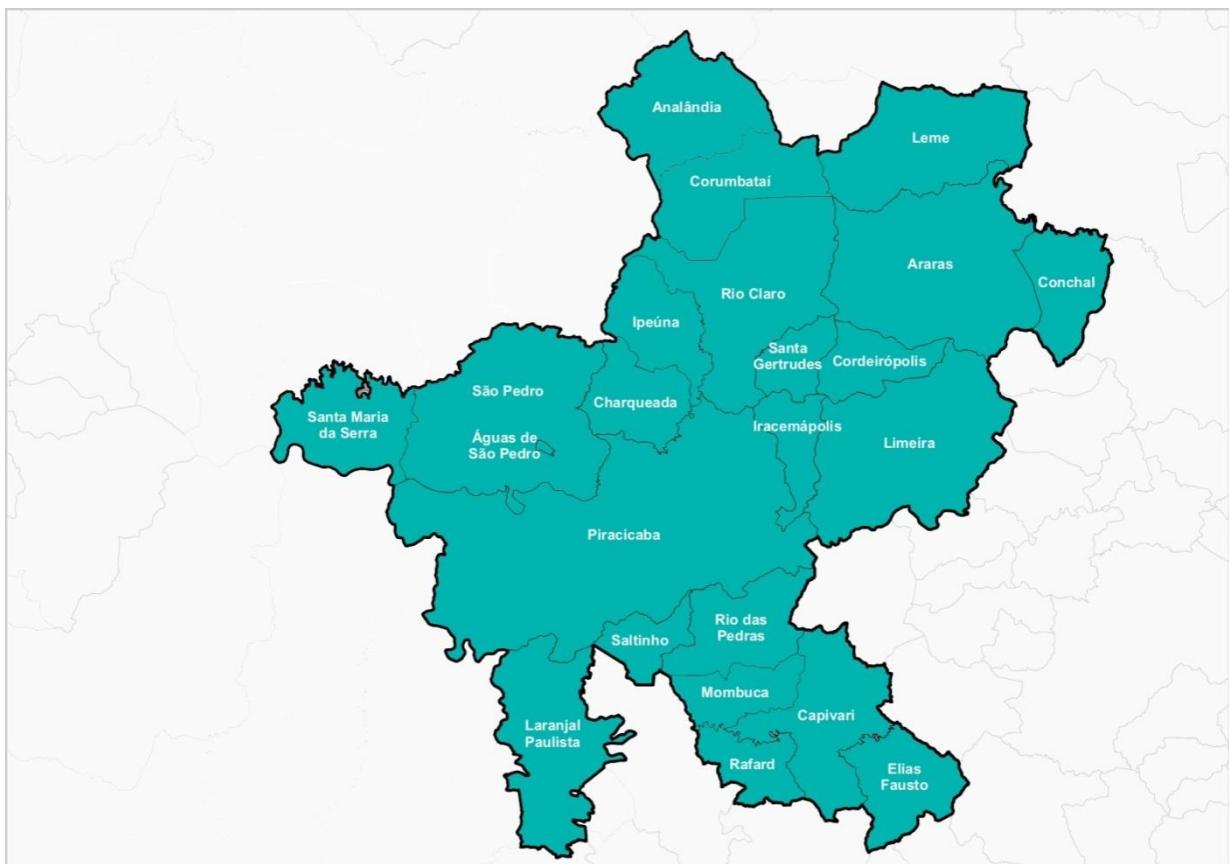
Aglomeração Urbana é definida por Braga (2005) como uma entidade formada pelo agrupamento de municípios limítrofes, com proximidade e intensidade em suas relações urbanas. A ideia de Aglomeração Urbana é relativa à existência de princípios de coesão regional, que são geográficos e populacionais. O autor explicita que houve uma importante mudança no interior do Estado em decorrência do processo de desconcentração e interiorização, evidenciando uma maior urbanização do interior.

⁴ Miyazaki (2010) em seu ESTUDO SOBRE AGLOMERAÇÃO URBANA NO CONTEXTO DAS CIDADES MÉDIAS entende aglomeração urbana como o processo de junção/articulação de centros urbanos distintos, tanto por meio da continuidade territorial quanto pela continuidade espacial.

Um exemplo desse tipo de urbanização do interior é a AU de Piracicaba institucionalizada pela Lei Complementar Estadual nº 1.178 em 26 de Junho de 2012 (EMPLASA, 2017). Essa região preenche o requisito de coesão de sua população e uniformidade territorial – possui como paisagem predominante o cultivo da cana de açúcar em larga escala e a predominância de indústrias voltadas para os setores do açúcar e o álcool, cerâmica, automotivos e alimentícios e polo tecnológico estando numa posição privilegiada referente a malha rodoviária estadual com fácil acesso para os aeroportos de Congonhas, Cumbica, Viracopos e o porto de Santos. (Figura 2) (EMPLASA, 2017).

A figura 3 mostra os 23 municípios integrantes da AU que juntos somam 1,45 milhão de habitantes (3,25% da população paulista) e participa com 3,2% no PIB estadual.

Figura 3: Mapa da Aglomeração Urbana de Piracicaba



Fonte: EMPLASA, 2017 Disponível em <https://www.emplasa.sp.gov.br/AUP> Acesso em: 25/6/2017.

A caracterização de aglomerados urbanos e regiões metropolitanas requer o pressuposto de iniciar novos meios de gestão do território assim expandido ou em expansão. Em muitos casos, a ação decorrente do planejamento regional proporcionou um relativo progresso e uma maior integração da região ao modo de produção capitalista (CORREA, 2007). Cidades médias, tidas como “capitais” regionais e locais, assim como as áreas metropolitanas, funcionam como foco irradiador do desenvolvimento para cidades e centros menores⁵.

Vale ressaltar o que diz Fremont (1980): contingências históricas impõe, de maneira progressiva, um centro único irradiador maior, a capital, encabeçando todas as relações, como o lugar das decisões superiores da administração do Estado e do aparelho econômico. As redes de poder econômico e político ali coincidem espacialmente. No caso de São Paulo trata-se da sua capital homônima.

3.2 São Paulo Ontem: O café e a ferrovia como principais vetores econômicos e sociais na formação espacial paulista.

No final do século XIX e início do XX São Paulo viveu um momento de intensa explosão demográfica e urbana. A cidade de São Paulo havia se tornado uma verdadeira metrópole tendo o café como o principal agente que impulsionou todo esse desenvolvimento. Muitos investimentos financeiros eram feitos, em sua maioria estrangeiros, principalmente ingleses que introduziram inovações, desde tecnológicas à novas ideias e costumes. (MASCARENHAS DE JESUS, 1999).

O café era o principal produto de exportação do país e era cultivado em larga escala no interior do Estado. Grandes fortunas da produção, beneficiamento e comercialização do café foram formadas nesse período.

⁵ Walter Christaller em seu livro *Die zentralen Orte in Suddeustshland* (As localidades centrais na Alemanha Meridional), 1933, estabelece o conceito de Localidades Centrais onde explana a influência das cidades diante as demais menores de acordo com a oferta de serviços e circulação e assim formando uma hierarquização de centros urbanos que vão se conectando com outras redes e hierarquias maiores. (BRUNA, 1983)

Parte desses lucros era investida nos meios de transporte e as ferrovias tornavam-se um bom investimento para ser responsável para o deslocamento do café do interior paulista para o porto de Santos, de onde era exportado para a Europa e EUA. (ZAMBONI, 1993 apud RIBEIRÃO PRETO, 2010, p. 25).

A primeira ferrovia do Estado foi a Estrada de Ferro São Paulo Railway, inaugurada em 1867 ligando Santos até Jundiaí. A partir dela uma verdadeira rede de captação do café em direção ao porto de Santos foi se formando conforme as ferrovias foram sendo construídas a Oeste de Jundiaí e Campinas, chegando às regiões de Ribeirão Preto, Bauru e Araraquara (METRÔ, 2016).

As novas linhas construídas seguiam a lógica de atingir as principais zonas produtoras de café no quesito produtividade e as empresas ferroviárias operadoras acabavam por disputar quem assumiria a construção e o controle de linhas e ramais pelo interior paulista. (SAES, 1981). Em Almeida; Gutierrez; Ferreira (2010) as ferrovias foram aos poucos alterando a própria paisagem interiorana da época conflitando com a modernidade que vinha sobre os trilhos a partir da capital. Era uma mudança inevitável.

As estradas de ferro eram essenciais para o desenvolvimento da economia cafeeira, já que a forma de transporte anterior, por animais, não suportaria a demanda. O novo meio de transporte adotado era mais rápido e com uma capacidade de transporte de carga muito maior. Dessa forma, as grandes distâncias não eram mais um empecilho ao escoamento da produção.

A expansão das ferrovias (Metrô, 2016):

(...) fez com que a própria estrutura ferroviária exigisse a implementação de várias atividades tipicamente urbanas. Muitas delas, inclusive criadas para atender sua própria demanda de manutenção: mão de obra para a construção civil e comércio de materiais necessários à construção das linhas de trem, como carvão, lubrificantes, maquinário, etc. Aliás, os setores diretamente empregados pelas empresas ferroviárias acabaram por configurar uma categoria de trabalhadores urbanos assalariados, que precisavam se alimentar, vestir e morar. Nesse sentido, as ferrovias foram responsáveis, direta e indiretamente, por estimular inúmeras atividades urbanas.

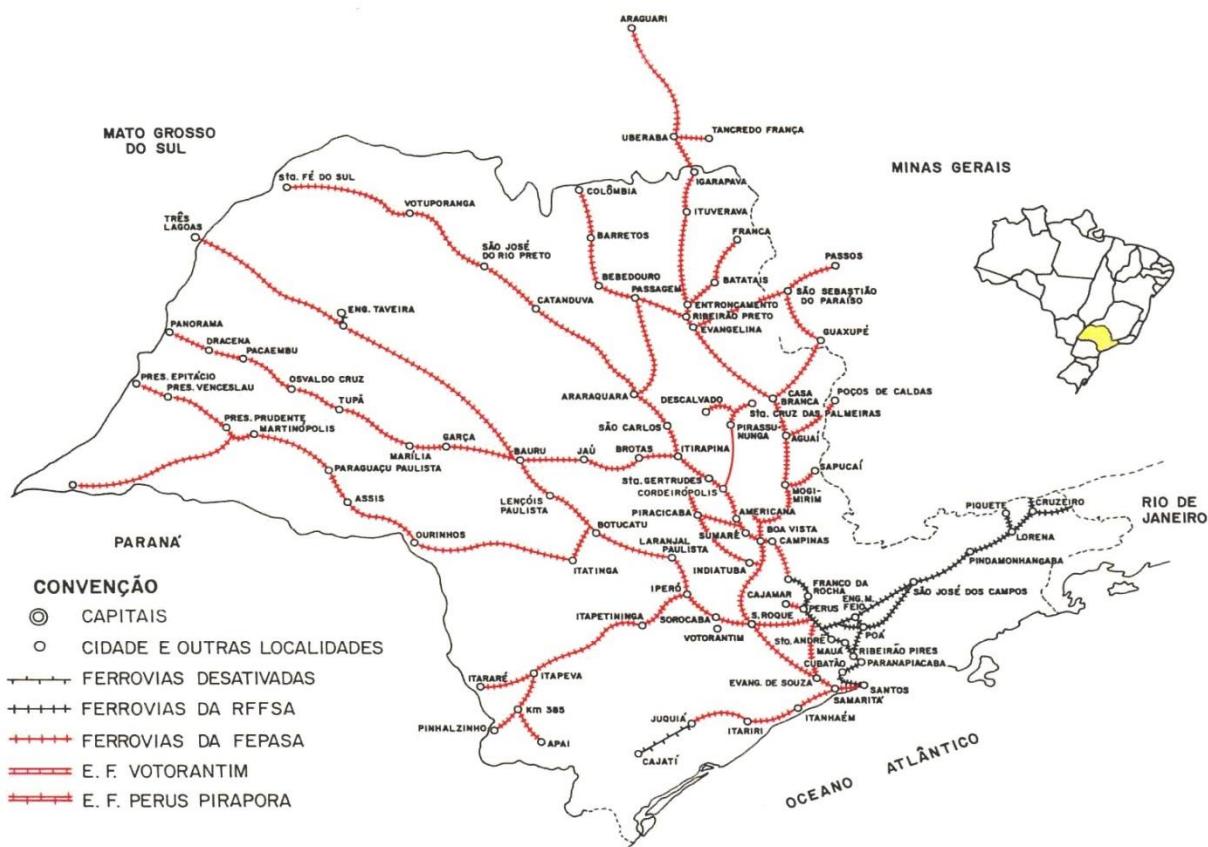
Ao redor das estações formaram-se vilas, onde operários de manutenção e trabalhadores de serviços urbanos foram se instalando além de prestação de serviços para os trabalhadores rurais e imigrantes que chegavam (BLAY, 1985). Muitos dos imigrantes europeus recém-chegados eram transportados diretamente para as lavouras de café, tamanha a necessidade e importância desses trabalhadores.

Mesmo tendo como objetivo número 1 o uso das ferrovias para o escoamento do café até o porto de Santos, o transporte de passageiros também se tornou intenso tanto pela política de imigração quanto pela locomoção pura e simples de cidadãos pelo Estado de maneira mais rápida e segura (SAES, 1981). Os caminhos estavam delineados com paradas e cidades já se “geografizando⁶” no território paulista aguardando a chegada de novos trabalhadores rurais, operários, artesãos e outros profissionais para construírem uma nova vida além de gerar dividendos para seus barões.

Os trilhos do trem traziam e levavam pessoas, cargas e ideias num tempo mais curto, mesmo em grandes distâncias e em se tratando de futebol os jogos entre clubes começaram ficar mais comuns, assim como o intercâmbio de informações e de rivalidades e amizades. É nesse ambiente de grande mobilidade e modernidade que o futebol aparece também como inovação, a caráter de lazer, diversificando das práticas da época.

⁶ Figura 4

Figura 4: Mapa da Malha Ferroviária Paulista em 1984



Fonte: GEIPOT, 1985. Disponível em: <http://vco.brasilia.jor.br/ferrovias/mapas/1984Fepasa.shtml>

Acesso em: 30/5/2017

4. O CAMPEONATO PAULISTA

Os campeonatos estaduais de futebol são os torneios mais antigos e tradicionais do país, apesar de gradativamente virem perdendo espaço no calendário para o Campeonato Brasileiro. Eles vêm se mantendo principalmente graças às rivalidades locais e ao apelo histórico existente (UNZELTE, 200).

Mascarenhas (1998) aponta que, como o futebol se propagou simultaneamente em diversos pontos e de maneira desconectada entre si, ocorreu o desenvolvimento do mesmo numa estrutura territorial nacional em arquipélago, tornando singular e diversa a sua organização em cada localidade.

Disputado há 115 anos, o campeonato paulista é o mais antigo do país sendo disputado de maneira ininterrupta desde 1902⁷. Nesses anos, muitos regulamentos diferentes foram utilizados com número distinto de clubes atuando na primeira divisão e nas divisões inferiores que foram se organizando assim como diferentes durações de um torneio para o outro no decorrer de sua história.

Para os times do interior do Estado o campeonato representa a chance de aparecer na mídia, enfrentar os grandes times e revelar talentos, de buscar surpreender e até, porque não, se fortalecer e ficar fixamente na primeira divisão.

Hoje é a FPF (Federação Paulista de Futebol)⁸ a entidade que organiza e regulamenta o torneio desde 1941 que é disputado na primeira metade do ano desde 1993, mas já fora disputado na parte final do ano assim como, lá nos primórdios do torneio, disputado de maio a outubro, para fugir da “época quente do ano” (STORTI; FONTENELLE, 1997).

⁷ FARAH NETO; KUSSAREV JUNIOR (2001).

⁸ www.futebolpaulista.com.br

4.1 Evolução do Futebol Paulista

O Brasil conheceu o futebol por volta de 1894 com Charles Miller, um brasileiro, filho de ingleses que após retornar da Inglaterra trouxe consigo uma bola de futebol e, como praticante e entusiasta desse esporte, tratou de difundi-lo entre os ingleses residentes em São Paulo. (CALDAS, 1994)

São Paulo foi a cidade brasileira que apresentou maior precocidade na introdução do futebol, e já no fim do século XIX tal esporte era praticado em clubes, empresas (capital inglês em sua maioria) e estabelecimentos escolares. Em 1896, já contava com um equipamento próprio para a prática do esporte quando o velódromo da Família Prado, na Consolação, era reformado para abrigar partidas de futebol (MASCARENHAS DE JESUS, 1999).

Segundo Mazzoni (1968, apud MASCARENHAS DE JESUS, 2009, p.4), a primeira partida de futebol, realizada no Brasil dentro das regras estabelecidas na Inglaterra em 1863, ocorreu na Várzea do Carmo entre as equipes inglesas São Paulo Railway e The São Paulo Gaz, em 14 de abril de 1895.

Como prática esportiva originalmente recreativa, o futebol se transformou de passatempo da elite em atividade de lazer para os seus espectadores, popularizando-se. Essa prática, segundo Proni (2000), carregava consigo o signo da mudança, das ideias progressistas aplicadas a um lazer civilizado, uma incorporação de um novo estilo de vida.

A popularização do futebol encontrou:

(...) grande receptividade nos dois principais polos econômicos e culturais do país (Rio de Janeiro e São Paulo), onde a presença de empresas inglesas, a instalação de fábricas de pequeno porte, a formação de um operariado e o intenso fluxo de imigrantes propiciavam condições adequadas à contagiente atração exercida pelo novo esporte (PRONI, 2000, p.105).

Segundo Fátima Antunes (1994), os empresários incentivaram a prática do futebol no interior das fábricas, fornecendo espaço específico e material esportivo. A iniciativa, a princípio, dos funcionários ingleses conquistou o operariado brasileiro que, por sua vez, foi se organizando em forma de agremiação ou clube dentro da fábrica. Em alguns casos, os clubes formados dentro das fábricas pediam apoio da empresa para melhores condições da prática esportiva como ajuda de custo, por exemplo.

As empresas aceitavam e incentivavam financeiramente, cedendo inclusive espaço para organização de sede social para melhor observar/gerir as atividades de lazer que o clube organizava. Todo esse incentivo sempre foi bem vindo, pois colocava em evidência o nome da empresa e seus produtos.

O importante é que o futebol ganhava mais praticantes e expectadores não importando a classe social. Operários em geral preparavam campos de futebol improvisados nas várzeas dos rios da cidade onde muitos jogos eram realizados. Proni (2000) enfatiza que o futebol deixou de ser uma prática esportiva moderna restrita a estudantes e a elite paulistana em geral para ganhar uma feição mais organizada com competições amadoras sendo promovidas.

Salun (2010) identifica o ano de 1901 como o da criação da primeira Liga de Futebol, em São Paulo, fundada pelos clubes São Paulo Athletic Club, Sport Club Germânia, Club Athletic Paulistano, Sport Club Internacional e Associação Atlética Mackenzie College e intitulada Liga Paulista de Football. Em 1902, foi realizado o primeiro torneio oficial no Brasil: o primeiro Campeonato Paulista de Futebol.

A organização de torneios era a referência mais moderna de competição esportiva e, além disso, com a criação da Liga procurava-se preservar o caráter elitista dos clubes participantes, mantendo uma seletividade e delimitação dos grupos sociais que podiam pertencer à mesma Liga esportiva. (Proni, 2000)

A partir de 1908, com a criação de vários clubes de futebol na cidade de São Paulo e no interior do Estado, homens pertencentes a qualquer classe social praticavam o futebol mesmo sofrendo algumas restrições como o

impedimento de jogadores negros integrarem a seleção nacional até aproximadamente 1921 e a dificuldade que jogadores analfabetos tiveram para participar de campeonatos, pois a obrigatoriedade de assinar as súmulas de jogos dificultou em um primeiro momento sua participação. (REIS, 2000)

O futebol ia se tornando uma prática social crescentemente apreciada, e os clubes de elite acabaram permitindo a participação de algumas equipes mais modestas, mesmo com o controle político da Liga e a organização das competições em suas mãos, procurando preservar o status diferenciado de seus esportistas, e evitando uma maior miscigenação. Esse modelo amador elitista viveu seu período de apogeu até meados da década de 20, sendo pouco contestado. (PRONI, 2000).

A década de 20 foi marcada pelos primeiros questionamentos sobre a profissionalização ou não do futebol no país. Souza (2008) corrobora Proni (2000) ao explanar que países europeus como Áustria, Espanha e Itália, além do Uruguai e a Argentina já haviam regulamentado essa condição esclarecendo de uma vez a mais nova etapa que o futebol mundial estava assumindo. Durante esse período de transição, amistosos e torneios internacionais começavam a ganhar destaque tendo o Brasil como campeão do torneio sul-americano de 1919, o primeiro título internacional do país; sendo muito comemorado (PRONI, 2000).

No Brasil, foi mais demorada a aceitação do profissionalismo. O comum, durante esse período, era a prática do pagamento do conhecido “bicho”, uma premiação por vitória e também como uma ajuda de custo para pagar a passagem ou estadia sempre maior do que o necessário. Essas práticas eram “uma maneira informal de receber um salário. O bicho possibilitou a introdução de jogadores das classes mais baixas nos principais times da época”. (Souza, 2008, p. 31).

Muitos dirigentes eram contrários à profissionalização do futebol, mas queriam se beneficiar da crescente popularização do mesmo nas grandes cidades do país. Com a profissionalização, em 1933, criou-se, no Rio de

Janeiro, a Liga Carioca de Futebol (LCF) e, em São Paulo, a APEA⁹ regulamentou a condição do jogador profissional. (SOUZA, 2008).

A profissionalização era um caminho sem volta a ser percorrido, para manter times competitivos, era mais fácil e adequado remunerar atletas, um jeito de fidelizar seus jogadores e agradar a crescente torcida que enchia os estádios em dias de jogos. Caldas¹⁰ (1990 apud PRONI, p. 111-112) explana a mudança de amadorismo para profissionalismo baseado nos seguintes acontecimentos:

"podemos entender a crise do modelo amador como decorrente de três tipos de determinantes: a transformação do futebol em espetáculo popular, concomitante com a progressiva inclusão de atletas pobres nos times, que cria uma brecha para o profissionalismo. [...] a crise econômica e a transição política que marcaram o final dos anos vinte e o início dos trinta, dificultando a sustentação financeira e a manutenção do amadorismo".

Com o rápido e popular crescimento dos campeonatos de futebol, foi necessário e de maneira irreversível o estabelecimento e a construção de equipamentos próprios (estádios) para a prática do mesmo, melhorando o nível técnico do espetáculo e conforto para os expectadores e órgãos de imprensa que ali noticiavam os detalhes das partidas.

Em São Paulo, a construção do Estádio Municipal do Pacaembu, em 1940, permitiria incorporar os trabalhadores da cidade nas atividades físicas, devidamente "organizadas e dirigidas" conforme afirma Negreiros (1999). A decisão pela sua construção deu-se num momento-chave de transformações urbanas e industriais, correlacionadas com uma nova postura frente às atividades físicas, tornando o estádio do Pacaembu um marco fundamental do futebol em São Paulo e no Brasil.

⁹ APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) foi uma entidade que regulamentou o futebol paulista entre 1913 e 1936, ela surgiu como dissidência da LPF (Liga Paulista de Foot-ball). Neste período, ambas as ligas organizaram seus respectivos campeonatos. (FARAH NETO; KUSSAREV JUNIOR (2001); (STORTI; FONTENELLE, 1997).

¹⁰ CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memórias do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990

As transmissões radiofônicas acompanhavam cada vez mais eventos esportivos o que aumentou a abrangência por parte da população a ter acesso aos resultados e ao que acontecia na partida. O torcedor que não podia ir ao estádio, acompanhava em casa pelo rádio. Assim sendo, estava consolidado o campeonato paulista como evento perene e tradicional.

A partir de 1937, a LFP (Liga de Futebol Paulista) era a única entidade organizadora do campeonato paulista depois de vários campeonatos sendo realizados por ligas que ora se separavam, ora se uniam ou outras eram extintas.

Salun (2010, p.18) afirma que:

O campeonato disputado na cidade de São Paulo de 1902 até 1912, foi patrocinado pela então única entidade: a Liga Paulista de Futebol, mas a partir de 1913 até 1937, tivemos inúmeras crises entre os dirigentes, que resultou na criação de ligas rivais que patrocinavam seus próprios campeonatos.

Segundo o Almanaque da Federação Paulista de Futebol (2001), com a política de padronização dos esportes, o futebol paulista foi oficializado como entidade a partir do dia 22 de Abril de 1941, mudando sua nomenclatura para a atual Federação Paulista de Futebol (FPF) tendo como clubes fundadores São Paulo, Corinthians, Palestra Itália (Palmeiras), Juventus, Santos, Portuguesa, Hespanha (Jabaquara), Comercial, Portuguesa Santista, Ypiranga e São Paulo Railway (Nacional). O primeiro torneio organizado pela nova entidade foi realizado no ano seguinte mantendo-se até os dias atuais como a organizadora oficial.

Ainda de acordo com o Almanaque, com a criação da Lei do Acesso, em 1947, os clubes do interior começaram a ter acesso direto aos principais times da capital. A partir do campeonato paulista de 1949 foi iniciada a promoção do campeão da segunda divisão do ano anterior para a primeira divisão com a promoção do XV de Novembro de Piracicaba (STORTI; FONTENELLI, 1997).

A consolidação da Lei do Acesso definiu a organização básica do campeonato, que é comum a quase todos os campeonatos de vários outros

países e Estados brasileiros, o do agrupamento dos times em divisões.

4.2 - O Campeonato Paulista Hoje: regulamento e problemática

O Campeonato Paulista de Futebol profissional possui quatro regulamentos distintos entre suas divisões. A FPF classifica os clubes participantes em dois módulos que são: 1^a divisão (séries A1, A2 e A3) e 2^a Divisão, mas todas estas séries formam quatro divisões distintas.

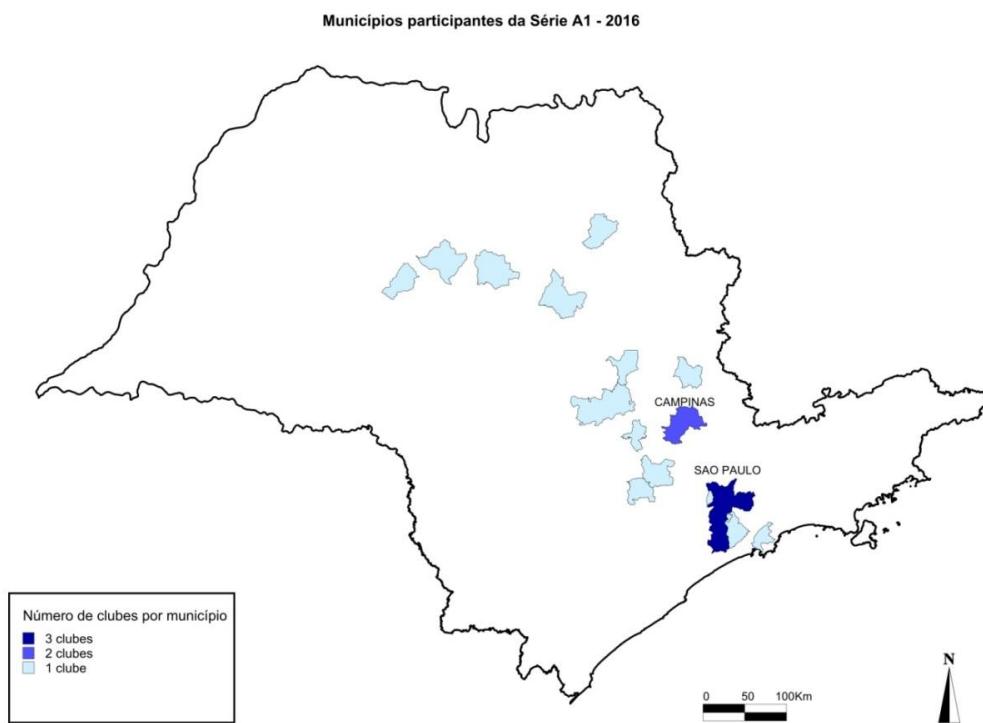
Em 2016, entre final de janeiro e início de maio, jogaram os 60 clubes da 1^a Divisão (20 em cada série), enquanto que, de abril a outubro jogaram os 32 clubes da 2^a Divisão. Cada uma dessas 4 séries possui um regulamento próprio definido pela Federação juntamente com os conselhos técnicos dos clubes participantes. Para 2017 haverá uma redução de clubes na serie A1 de 20 para 16 o que mudará o numero de equipes rebaixadas e ascendentes.

A Série A1, por ser a divisão principal e por contar com clubes que jogam a primeira divisão nacional, possui um calendário mais reduzido, resultando em menor número de jogos. Os clubes foram divididos em quatro grupos de cinco e jogaram contra todos os outros, menos os do mesmo grupo. Classificaram-se para as fases seguintes os dois melhores de cada grupo, os quais passaram para as quartas de final, semifinal e final, respectivamente. Nesse formato, os times jogaram no mínimo 15 partidas e no máximo 19.

O rebaixamento foi definido de maneira simples. Os seis clubes que marcarem menos pontos na primeira fase serão declarados rebaixados para a segunda divisão em 2017¹¹. A seguir temos a distribuição espacial dos municípios participantes e seus respectivos clubes.

¹¹ Regulamento da série A1: <http://2016.fpf.org.br/arquivos/201603/1147389882.pdf>

Figura 5:



Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

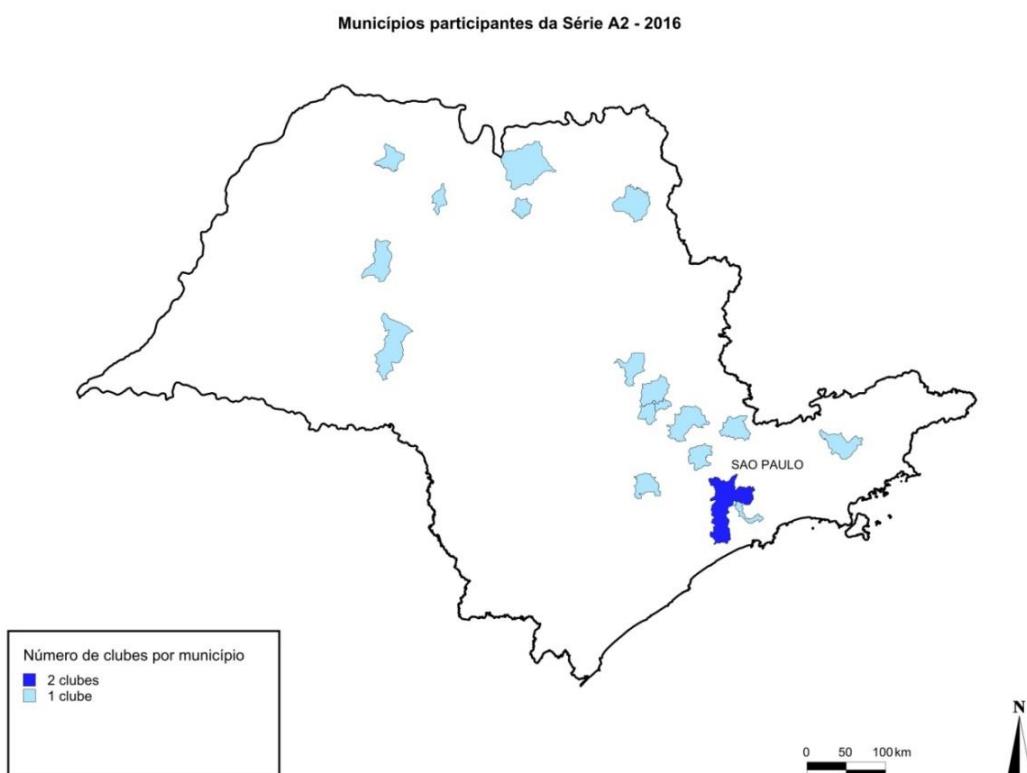
Tabela 1: Clubes participantes da primeira divisão do campeonato paulista de 2016

Série A1 – Primeira Divisão											
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Água Santa	Diadema	8		Linense	Lins	15		Rio Claro	Rio Claro
2		Audax	Osasco	9		Mogi Mirim	Mogi Mirim	16		Santos	Santos
3		Botafogo	Ribeirão Preto	10		Novorizontino	Novo Horizonte	17		São Bento	Sorocaba
4		Capivariano	Capivari	11		Oeste F.C.	Itápolis	18		São Bernardo	São Bernardo do Campo
5		Corinthians	São Paulo	12		Palmeiras	São Paulo	19		São Paulo	São Paulo
6		Ferroviária	Araraquara	13		Ponte Preta	Campinas	20		XV de Novembro	Piracicaba
7		Ituano	Itu	14		Red Bull Brasil	Campinas				

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017).

O regulamento na série A2 foi diferente. Todos os clubes jogaram contra todos uma vez cada classificando para as quartas de final os oitos melhores colocados. Esses 8 clubes foram emparelhados em duplas e disputados 2 jogos para seguir adiante os 4 vencedores, que foram organizados da mesma maneira na semifinal. Apenas a final do torneio fora realizado em jogo único na cidade do clube que teve a melhor campanha durante a competição. Os 6 piores times foram rebaixados para a terceira divisão (A3) em 2017 e os 2 melhores foram promovidos para a primeira divisão (A1). Nesse formato todos os clubes jogaram um mínimo de 19 partidas e máximo de 24¹².

Figura 6:



Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

¹² Regulamento da série A2: <http://2016.fpf.org.br/arquivos/201604/2062545011.pdf>

Tabela 2: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016

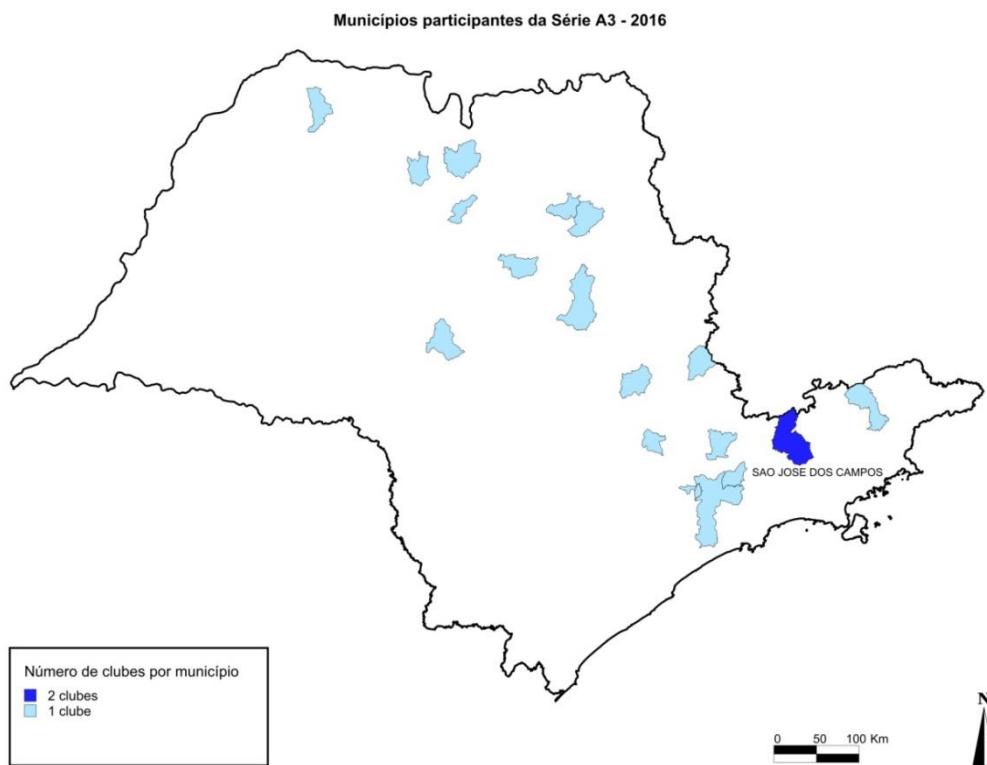
Série A2 – Segunda Divisão											
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Atlético Sorocaba	Sorocaba	8		Marília	Marília	15		Santo André	Santo André
2		Barretos	Barretos	9		Mirassol	Mirassol	16		São Caetano do Sul	
3		Batatais	Batatais	10		Monte Azul Paulista	Monte Azul Paulista	17		Taubaté	Taubaté
4		Bragantino	Bragança Paulista	11		Paulista	Jundiaí	18		União Barbarense	Santa Bárbara D'Oeste
5		Guarani	Campinas	12		Penapolense	Penápolis	19		Velo Clube	Rio Claro
6		Independente	Limeira	13		Portuguesa	São Paulo	20		Votuporanguense	Votuporanga
7		Juventus	São Paulo	14		Rio Branco	Americana				

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017).

A Série A3 tem um regulamento com mais jogos. Cada clube joga o mínimo de 19 partidas e o máximo de 27, com os 6 clubes de piores desempenhos sendo rebaixados. Essa divisão tem como primeira fase os 20 times jogando entre si uma vez cada classificando os 8 melhores. Esses classificados são divididos em dois grupos de 4, que jogarão entre si duas vezes cada; os campeões de cada grupo farão a final do torneio jogando novamente duas vezes. Uma em seus domínios e outra na “casa” do adversário. Os 2 finalistas do torneio foram os clubes promovidos para a segunda divisão (A2)¹³.

¹³ Regulamento da série A3: <http://2016.fpf.org.br/arquivos/201603/1429708416.pdf>

Figura 7:



Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Tabela 3: Clubes participantes da terceira divisão do campeonato paulista de 2016

Série A3 – Terceira Divisão											
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Atibaia	Atibaia	8		Guaratinguetá	Guaratinguetá	15		Primavera	Indaiatuba
2		Catanduvense	Catanduva	9		Internacional	Limeira	16		Rio Preto	São José do Rio Preto
3		Comercial	Ribeirão Preto	10		Itapirense	Itapira	17		São Carlos	São Carlos
4		Fernandópolis	Fernandópolis	11		Matonense	Matão	18		São José	São José dos Campos
5		Flamengo	Guarulhos	12		Nacional	São Paulo	19		São José dos Campos F.C.	São José dos Campos
6		Grêmio Barueri	Barueri	13		Noroeste	Bauru	20		Sertãozinho	Sertãozinho
7		Grêmio Osasco	Osasco	14		Olímpia	Olímpia				

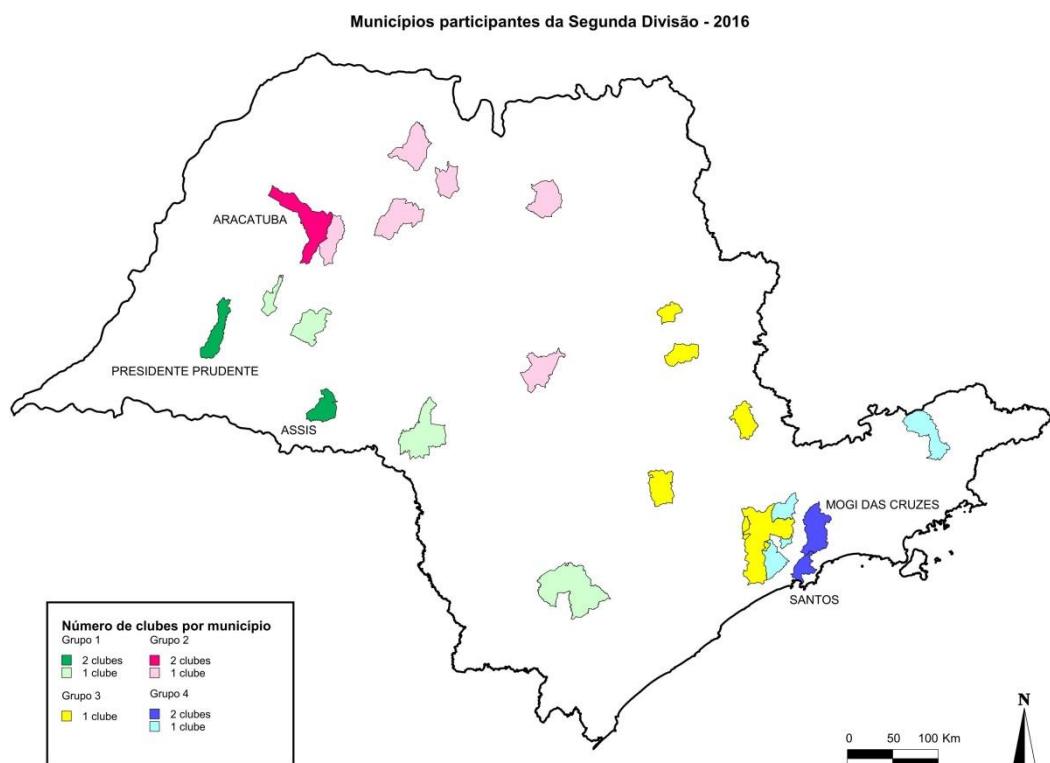
Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017).

O regulamento da Segunda Divisão é diferente. Ela foi organizada em cinco fases com os clubes jogando o mínimo de 14 e o máximo de 26 partidas. Os clubes foram divididos em 4 grupos com 8 participantes cada, seguindo um critério de aproximação entre os municípios. Na primeira fase os clubes jogaram contra os clubes de mesmo grupo em turno e returno classificando os quatro melhores de cada grupo para a próxima fase. Na segunda fase os 16 clubes classificados foram reorganizados em 4 grupos de quatro clubes que jogaram novamente contra os clubes do mesmo grupo em turno e returno classificando os dois melhores de cada grupo que avançaram para a terceira fase. Nessa segunda fase os grupos formados não levaram em conta o critério de aproximação entre municípios, mas critérios de classificação de acordo com a posição obtida na primeira fase. Os oito clubes classificados para a terceira fase foram organizados em duplas para confronto direto (quartas de final) com os vencedores avançando para a quarta fase (semifinal) tendo os vencedores desta fase classificando-se para a quinta fase (final). Os dois finalistas que disputaram o título da Segunda Divisão foram os clubes promovidos para a terceira divisão (Série A3) em 2017¹⁴.

As divisões são formadas pelo nível técnico dos clubes não importando sua localização geográfica dentro do Estado de São Paulo. Na Segunda Divisão, como já apontado, as divisões são baseadas nas quantidades representativas de times que formam os grupos segundo sua posição geográfica com outros municípios tendo grupos mais próximos enquanto outros com distâncias maiores a se percorrer.

¹⁴ Regulamento da segunda divisão: <http://2016.fpf.org.br/arquivos/201603/1591028481.pdf>

Figura 8:



Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Tabela 4: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016

Grupo Um							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Assisense	Assis	5		Presidente Prudente	Presidente Prudente
2		Elosport	Capão Bonito	6		Santacruzense	Santa Cruz do Rio Pardo
3		Grêmio Prudente	Presidente Prudente	7		Tupã	Tupã
4		Osvaldo Cruz	Osvaldo Cruz	8		VOCEM	Assis

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Tabela 5: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016

Grupo Dois							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		América	São José do Rio Preto	5		Internacional	Bebedouro
2		Araçatuba	Araçatuba	6		José Bonifácio	José Bonifácio
3		Atlético Araçatuba	Araçatuba	7		Tanabi	Tanabi
4		Bandeirante	Birigui	8		XV de Novembro	Jaú

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Tabela 6: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016

Grupo Três							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Amparo	Amparo	5		Lemense	Leme
2		Barcelona	São Paulo	6		Osasco	Osasco
3		Desportivo Brasil	Porto Feliz	7		Palmeirinha	Porto Ferreira
4		Diadema	Diadema	8		Taboão da Serra	Taboão da Serra

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Tabela 7: Clubes participantes da segunda divisão do campeonato paulista de 2016

Grupo Quatro							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Atlético Mogi	Mogi das Cruzes	5		Jabaquara	Santos
2		Esporte Clube São Bernardo	São Bernardo do Campo	6		Manthiqueira	Guaratinguetá
3		Grêmio Mauaense	Mauá	7		Portuguesa Santista	Santos
4		Guarulhos	Guarulhos	8		União Mogi	Mogi das Cruzes

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Deve-se considerar também a participação dos clubes que estão federados, porém não estão em atividade nos campeonatos oficiais por estarem licenciados ou afastados¹⁵. A maioria desses clubes não joga regularmente devido a problemas econômicos internos e também por questões com relação à Federação e sua burocracia que acaba inibindo a possível entrada de novos clubes ao quadro federativo¹⁶.

Um exemplo atual de clube que pediu o seu afastamento é o Atlético Sorocaba, clube que disputaria a série A3 em 2017 que, alegando problemas financeiros, pediu seu licenciamento para a federação (BOTTA, 2016)¹⁷.

¹⁵ Clubes federados e licenciados: <http://2016.futebolpaulista.com.br/Clubes/%2B+Filiados>

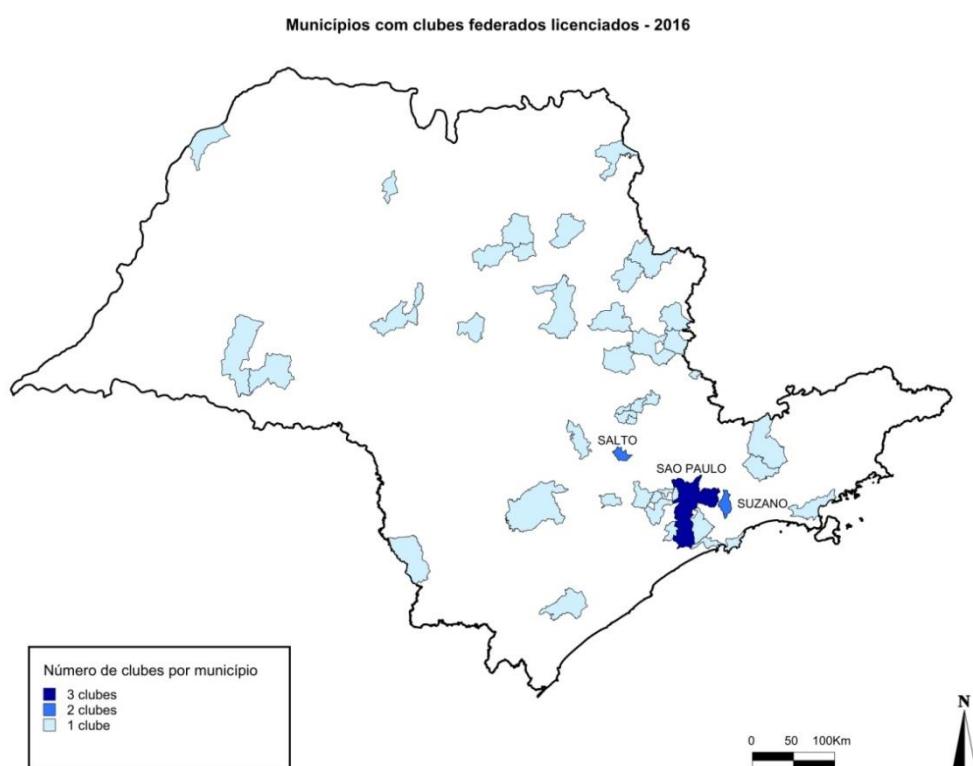
¹⁶ Em 2013 para se filiar à FPF o clube requerente desembolsava o valor de 800 mil reais e mais uma taxa de “profissionalização” de 20 mil reais paga a CBF. Após isso taxas anuais são cobradas como manutenção pela filiação. PRECCARO (2013). Disponível em <http://www.fiamfaam.br/momento/?pg=leitura&id=4375&cat=0> Acesso em 26 set. 2016.

¹⁷ BOTTAS (2016). Com problemas financeiros, Atlético Sorocaba não disputará a Série A3. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/sp/sorocaba/futebol/times/atlético-sorocaba/noticia/2016/10/com-problemas-financeiros-atletico-sorocaba-nao-deve-disputar-serie-a3.html> Acesso em 4 nov. 2016

Mesmo possuindo uma boa infraestrutura, em comparativo com outros clubes existentes, o valor do investimento injetado no referido clube não seria suficiente para manter o time em funcionamento para o torneio de 2017 (BOTTA, 2016). Além dos custos que os clubes já gastam com sua própria infraestrutura é muito importante o patrocínio a ser recebido para, no mínimo, ajudar a quitar gastos e até montar times competitivos.

Em 2016, 50 clubes encontram-se nessa situação, totalizando 142 clubes oficialmente filiados à Federação Paulista de Futebol representando 105 municípios.

Figura 9:



Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Tabela 8:

Clubes Federados Licenciados – 2016							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Américo Brasiliense	Américo Brasiliense	26		Jacareí	Jacareí
2		Atlético Saltense	Salto	27		Jaguariúna	Jaguariúna
3		Brasa	Mirassol	28		Monte Alegre	São Paulo
4		Brasilis	Águas de Lindóia	29		Nova Odessa	Nova Odessa
5		CAL Bariri	Bariri	30		Olé Brasil	Ribeirão Preto
6		Comercial	Registro	31		Palestra	São Bernardo do Campo
7		Comercial	Tietê	32		Palmeiras	São João da Boa Vista
8		Cotia	Cotia	33		Palmeiras B	São Paulo
9		DERAC	Itapetininga	34		Paraguaçu Paulista	Paraguaçu Paulista
10		ECO	Osasco	35		Paulínia	Paulínia
11		ECUS	Suzano	36		Paulistano	São Roque
12		Embu Guaçu	Embu Guaçu	37		Paulistinha	São Carlos
13		Esporte Clube União	Tambaú	38		Pirassununguense	Pirassununga
14		Flamengo	Pirajuí	39		Primeira Camisa	São José dos Campos
15		Força	Caieiras	40		Radium	Mococa

16		Francana	Franca	41		Ranchariense	Rancharia
17		Ginásio Pinhalense	Espírito Santo do Pinhal	42		São Vicente	São Vicente
18		Guaçuano	Mogi Guaçu	43		Sport Clube Barueri	Barueri
19		Guarani Saltense	Salto	44		SEV Hortolândia	Hortolândia
20		Guariba	Guariba	45		Sumaré	Sumaré
21		Guarujá	Guarujá	46		Taquaritinga	Taquaritinga
22		Ilha Solteira	Ilha Solteira	47		União São João	Araras
23		Itapevi	Itapevi	48		USAC	Suzano
24		Itararé	Itararé	49		Votoraty	Votorantim
25		Jaboticabal	Jaboticabal	50		XV de Novembro	Caraguatatuba

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

A não participação desses clubes se deve, muitas vezes, a inviabilidade de custos sendo o transporte rodoviário uma dentre as principais despesas gastos pelos clubes. Estes utilizam o ônibus como o principal meio de transporte no deslocamento aos locais dos jogos. As principais rodovias do Estado são utilizadas como base para melhor locomoção tanto em relação à distância quanto a tempo gasto.

Além dos custos, as distâncias percorridas nas viagens acabam desgastando os atletas e comissão técnica, pois a rotina de viagens gira em torno de ida ao local do jogo e retorno ao local de origem, assim sucessivamente gerando reclamações e insatisfação para com a federação por

parte de dirigentes de muitos clubes questionando até a quantidade de jogos disputados (Anexo A).¹⁸

As grandes distâncias dificultam também a vida de espectadores e outros profissionais envolvidos, jornalistas e radialistas, por exemplo, a acompanhar ao clube representante da cidade, esvaziando o evento que poderia conseguir mais espectadores desfavorecendo a vivência cultural e social da atividade futebol.¹⁹

Apesar das regras atuais inibirem uma evidência maior para os clubes médios e pequenos é constatado que, em muitos municípios, há a participação de mais de um clube residente na mesma cidade, não importando o grau urbanístico que a mesma possui dentro do Estado.

A seguir a tabela 9 identifica os municípios que mais possuem clubes e um mapa do Estado de São Paulo mostrando todos os municípios com clubes federados (figura 10), assim como um mapa da distribuição espacial populacional no Estado de São Paulo em 2010 como comparativo à distribuição geográfica dos municípios participantes (figura 11).

¹⁸ LOURENÇO, Leonardo. Nova Geografia: Descentralização marca a edição de 2011 do Campeonato Paulista, que começa hoje. **Folha de São Paulo: Caderno de Esportes**. São Paulo, 15 jan. 2011. p. 6-7. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1501201105.htm>>. Acesso em: 14 out. 2016.

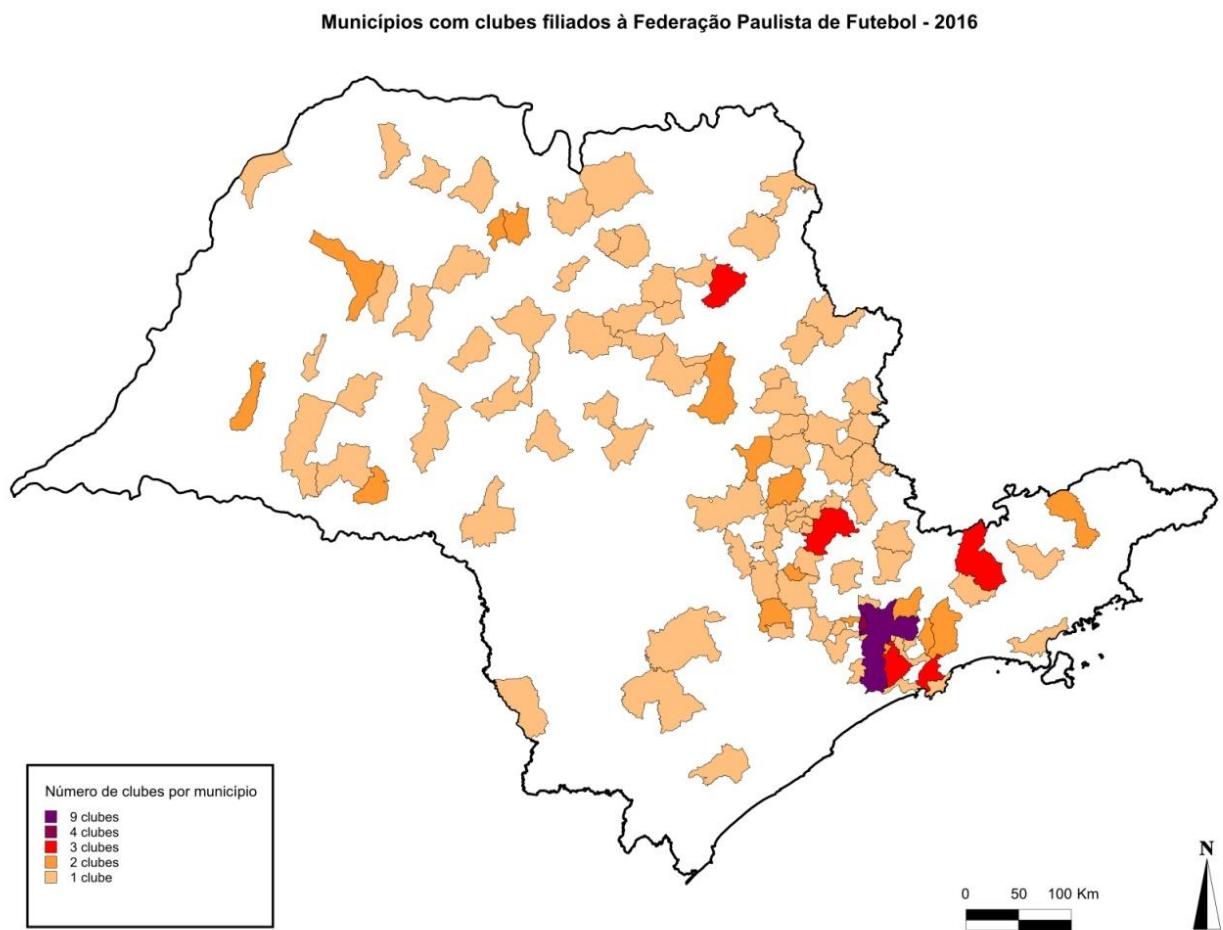
¹⁹ GLOBOESPORTE.COM (Ed). **Joseense pede A3 'regionalizada' para valorizar rivalidade no Vale**: Joseense x Taubaté será o clássico do Vale do Paraíba no Campeonato Paulista da Série A3 de 2013; conselho será no dia 22 deste mês. 11 nov. 2012. São José dos Campos. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-parabá/região/futebol/times/joseense/folha/2012/11/joseense-pede-a3-regionalizada-para-valorizar-rivalidade-no-vale.htm>>. Acesso em: 14 out. 2016.

Tabela 9:

Municípios com mais de um clube federado		
Quantidade	Municípios	Clubes
1	São Paulo	9
2	Osasco	4
3	Campinas	3
4	Ribeirão Preto	3
5	Santos	3
6	São Bernardo do Campo	3
7	São José dos Campos	3
8	Araçatuba	2
9	Assis	2
10	Barueri	2
11	Diadema	2
12	Guaratinguetá	2
13	Guarulhos	2
14	Limeira	2
15	Mirassol	2
16	Mogi das Cruzes	2
17	Presidente Prudente	2
18	Rio Claro	2
19	Salto	2
20	São Carlos	2
21	São José do Rio Preto	2
22	Sorocaba	2
23	Suzano	2

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Figura 10:



Fonte: FPF, 2016. Org: Caetano, V. D. (2017)

**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL
DA POPULAÇÃO EM 2010
SÃO PAULO**

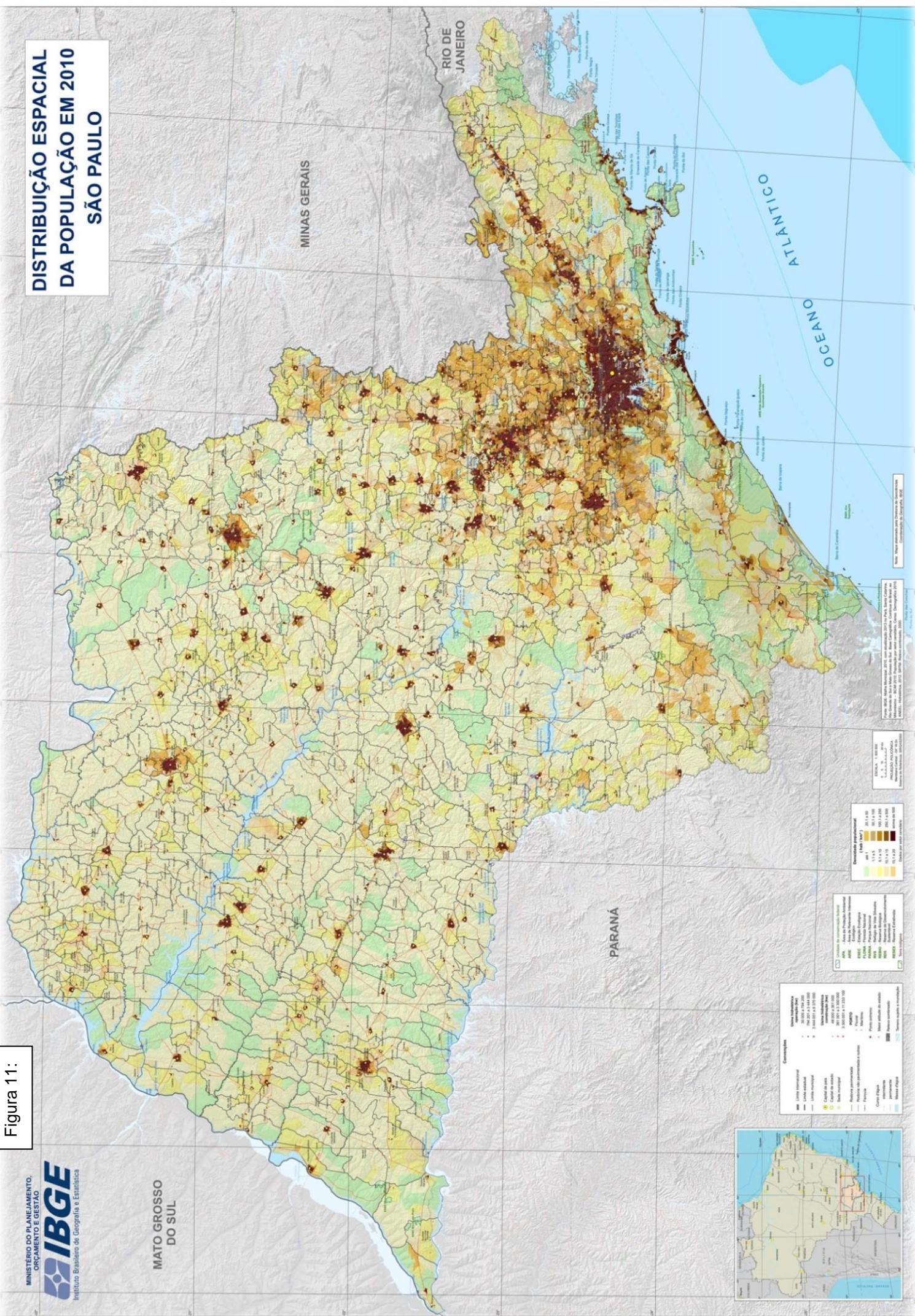


Figura 11:

Comparando a densidade demográfica do Estado com a localização dos clubes fica fácil a constatação de que onde o grau de urbanização e concentração de pessoas é maior, maiores são as chances de clubes surgirem e se fixarem de modo mais permanente, pois em grandes áreas urbanas a infraestrutura é um dado importante para se perceber a relação da população com o grau de urbanização presente.

Os clubes que conseguem manter-se no campeonato estão concentrados onde possuem maior oferta de patrocinadores, seja perto de sua capital e centro irradiador da economia estadual - São Paulo -, seja perto de cidades médias, como São José do Rio Preto, Araraquara ou Ribeirão Preto.

A organização dos campeonatos não segue a lógica dessa característica territorial constatada, a de redes urbanas hierarquizadas, forçando com que clubes percorram o Estado todo para a realização dos seus jogos.

Dessa forma os argumentos aqui colocados mostram que seria viável e, porque não, desejável uma reorganização do Campeonato Paulista de Futebol. Os termos assentados demonstram uma maneira lógica e racional para isso.

5. NOVA PROPOSTA PARA A DISPUTA DO CAMPEONATO PAULISTA

Atualmente o campeonato paulista possui quatro divisões, já citadas anteriormente, com seus clubes estando divididos de acordo com seu nível técnico. Clubes novatos independentemente de sua condição técnica e financeira começam pela ultima divisão tendo que passar por todas as outras intermediárias até chegar à primeira divisão.

Qualquer clube que venha a ingressar na última divisão do campeonato levaria no mínimo três anos para chegar à primeira divisão, isso no caso de conseguir acessos consecutivos. O número de divisões mantém clubes rivais da mesma região afastados por muitos anos, impossibilitados, portanto, de disputar partidas válidas pelo campeonato.

A diminuição do número de divisões seria necessária para aproximar os clubes, facilitar sua mobilidade regional, aumentar e reavivar rivalidades municipais, facilitar ao clube ascender à 1º divisão e estimular o retorno e a entrada de novos clubes. A proposta seria a diminuição do número de divisões de quatro para duas; dessa forma, o tempo que um clube levaria para chegar à primeira divisão diminuiria para no mínimo um ano de disputa.

A grande mudança estaria nas outras divisões. Haveria uma grande segunda divisão estadual, seriam extintas as divisões A2, A3 e 2º divisão, disputadas por todos os outros clubes que não estivessem na primeira divisão. Estes seriam divididos em 8 subdivisões regionais, como por exemplo, a *Região do Vale do Paraíba*. Já a primeira divisão seria como nos moldes atuais, com um número de clubes definido pelos critérios da FPF.

Os clubes se enfrentariam dentro de suas respectivas regiões na primeira fase. Os campeões de cada uma das regiões disputariam uma segunda fase até que o campeão e os outros promovidos à primeira divisão forem definidos.

Um time rebaixado disputaria a Segunda Divisão em sua respectiva região. Caso o São Paulo Futebol Clube fosse rebaixado, teria que disputar no

ano seguinte o campeonato da Segunda Divisão respectivamente na região da Grande São Paulo. Isto diminuiria os custos dos clubes com viagens (hospedagem, alimentação e combustível) e faria do Campeonato Paulista uma atividade com relativa importância e rivalidade, tanto no interior do Estado, como na Grande São Paulo. A rivalidade sadia entre municípios próximos e clubes da mesma cidade seria estimulada, já que se enfrentariam em seus grupos regionais.

A fórmula de disputa da segunda divisão teria que ser modificada eventualmente, já que em determinadas regiões, o número de clubes mudaria de um ano para o outro. Como as regiões teriam números diferentes de clubes, elas possuiriam maior flexibilidade para definir o regulamento interno próprio mais adequado para organização do campeonato, desde o sistema de disputa até quantidade de jogos, por exemplo. Flexibilização esta como característica importante para o bom andamento do campeonato regional como um todo.

5.1 Itens Balizadores

A consolidação das oito regiões propostas foi baseada em critérios organizacionais existentes e pertinentes ao assunto tratado neste trabalho.

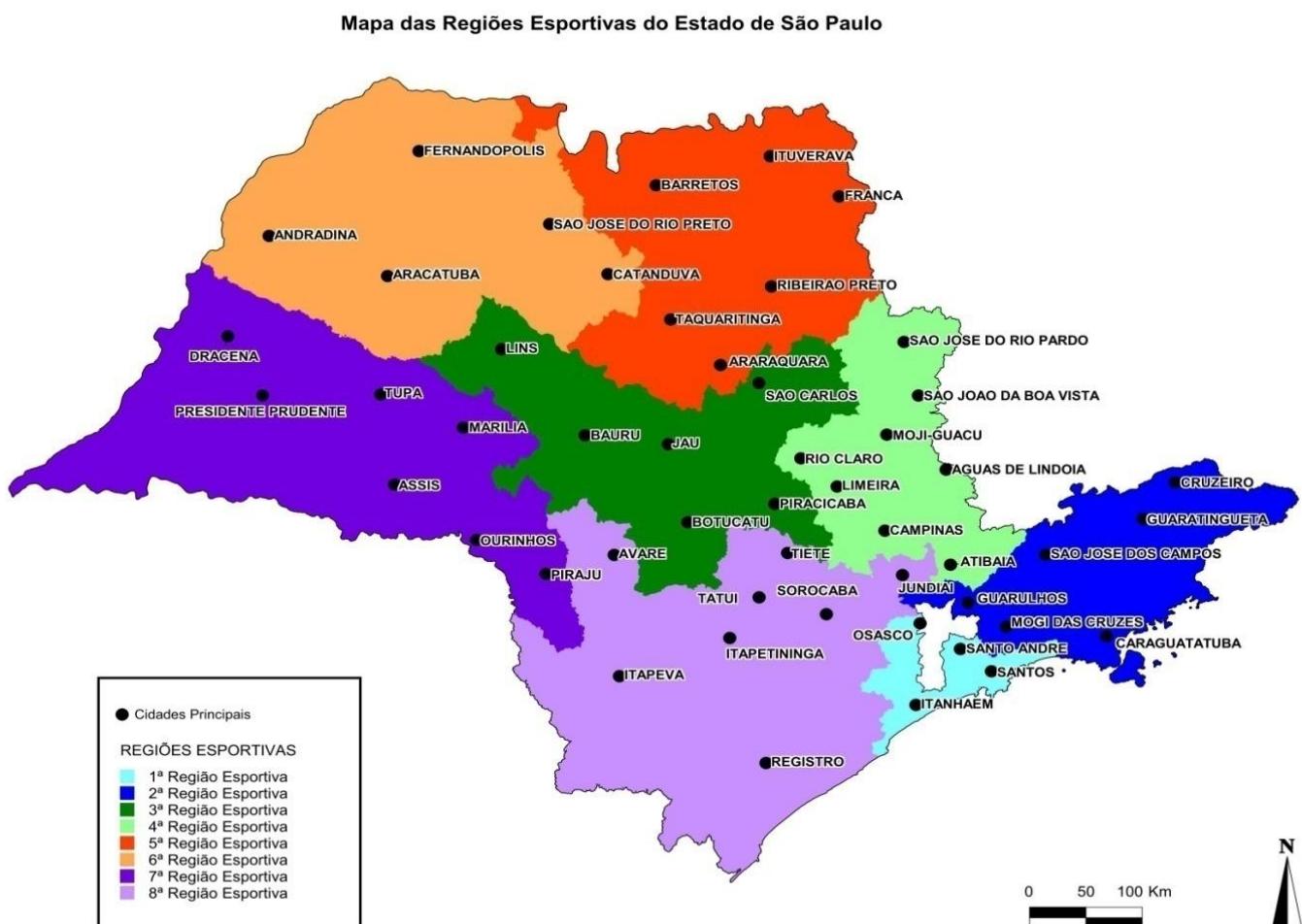
Dividir o Estado de São Paulo em oito regiões foi o ponto de partida para a reflexão da possibilidade de uma proposta de modificação na estrutura do campeonato paulista de futebol.

Os clubes foram organizados em 8 regiões esportivas, as quais apresentam a mesma quantidade de subdivisões para a organização dos Jogos Regionais promovidos pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Governo do Estado de São Paulo (SELJ) (figura 12).

Os Jogos Regionais é uma competição amadora aos moldes dos jogos olímpicos, em que uma cidade recebe atletas, representando diferentes municípios nas respectivas regiões (apenas a capital, São Paulo não participa).

Os jogos são populares no interior do Estado e promovem o esporte difundindo diferentes modalidades.²⁰

Figura 12:



Fonte: SELJ, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017)

Outro item balizador levado em consideração é a classificação regional estabelecida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para o Estado de São Paulo e o do IGC (Instituto Geográfico Cartográfico).

²⁰ SÃO PAULO. Portal do Governo. **Conheça os Jogos Regionais e os Jogos Abertos do estado:** Eventos são promovidos pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude. 2016. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/sprnoticias/ultimas-noticias/conheca-os-jogos-regionais-e-os-jogos-abertos-do-estado>>. Acesso em: 25 out. 2016.

Tanto para o IBGE quanto para o IGC foram estabelecidos alguns conceitos para caracterização do território e sua melhor delimitação para suas pesquisas e análises territoriais. Em ambas instituições a conceituação é muito semelhante.

O IBGE estabeleceu os conceitos de mesorregião e microrregião. Mesorregião é encarada como uma área individualizada dentro de uma unidade da federação que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelo processo social como determinante, o seu quadro natural como condicionante e a rede de comunicações e de lugares como elemento da articulação espacial. (IBGE, 1990). Essas três dimensões possibilitam que o espaço geográfico tenha uma identidade regional a ser formada.

Já as microrregiões foram definidas como parte integrante das mesorregiões. É um conjunto de municípios contíguos e contínuos que apresentam algumas especificidades quanto à organização do espaço. Essas especificidades costumam serem semelhanças agrícolas, industriais, históricas entre outras. Microrregiões se agregam formando uma Mesorregião. As diferenças internas de uma mesorregião, diferenças entre microrregião, vão determinando seus novos compartimentos organizacionais. (IBGE, 1990).

Em linhas gerais, ambos os conceitos auxiliam o que significa ser uma área individualizada dentro de uma unidade da federação com suas características específicas organizacionais do espaço geográfico. (Figura 13).

O IGC segue a mesma lógica, mas com algumas diferenças de organização e nomenclatura, Regiões de Governo, como equivalente às Microrregiões, e Regiões Administrativas, como equivalente as Mesorregiões, além de acrescentar um novo conceito, o de aglomerado urbano. Neste último, os municípios classificados como aglomerado são também integrantes de alguma região de governo e administrativa, como é o caso do Aglomerado Urbano de Piracicaba que integra a Região Administrativa de Campinas. (Figura 14 e Figura 15).

Nessas características de organização leva-se em conta a facilidade de constatação de homogeneidade cultural, social e econômica bem como suas subdivisões para fins de melhor controle e gestão. As cidades maiores

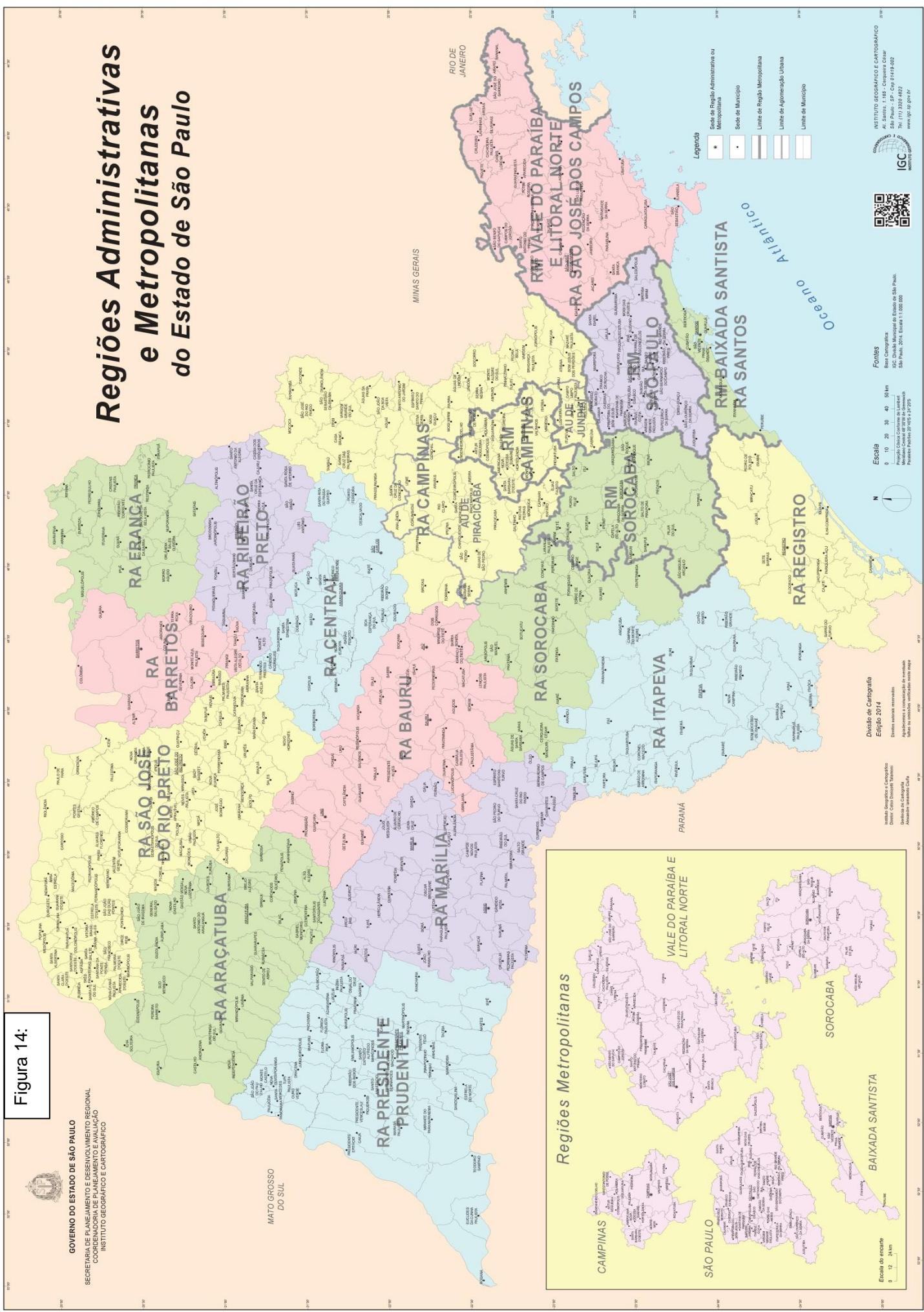
polarizam e comandam a organização espacial. Esse tipo de classificação muitas vezes é feito para verificação estatística pelo território e confecção de material cartográfico, não valendo assim como entidade política formalizada.

Figura 13:



Fonte: IBGE, 2015. Org: Caetano, V. D. (2017)

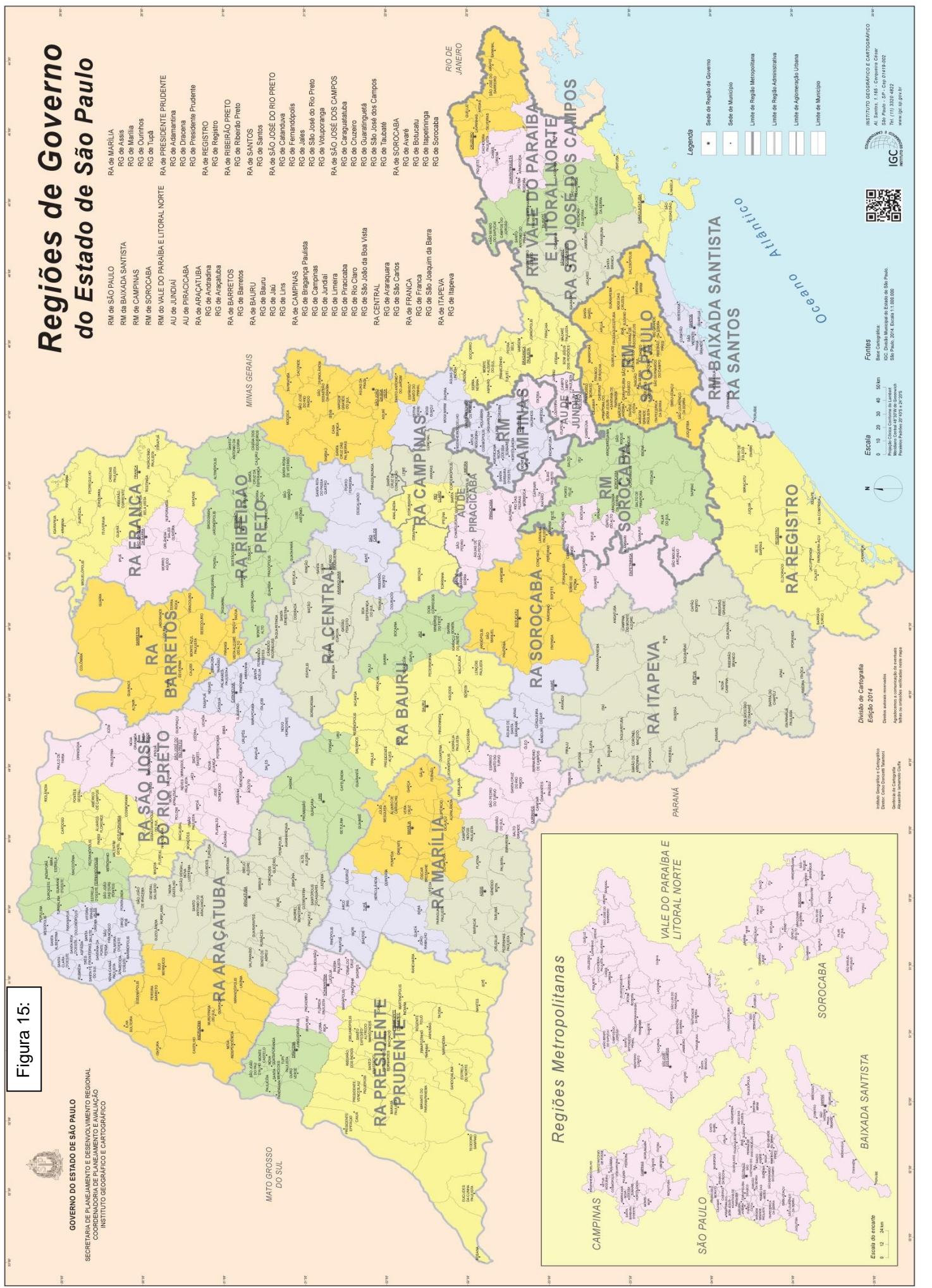
Figura 14:



**Regiões de Governo
do Estado de São Paulo**

Figura 15:

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
COORDENADORIA DE PLANEJAMENTO E AVAIAÇÃO
INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRAFICO



As principais rodovias estaduais também constituíram outro item balizador na estruturação das oito regiões, mas num sentido mais consultivo. A própria existência e função das rodovias já moldam o formato, por assim dizer, das mesorregiões e microrregiões (IBGE) e regiões de governo e administrativas (IGC). Por serem mais rápidas e de fácil acesso, é logicamente natural que sua utilização seja ponto de referência inicial e obrigatório, afinal, seria o caminho mais curto, rápido e seguro para dois times se enfrentarem.

Vale ressaltar que como as ferrovias representaram para o futebol um sistema de divulgação, difusão e, após isso, transporte para jogos, torcida e radiodifusão, as rodovias tomaram para si essa histórica função. Nesse contexto, não se trata de difusão do esporte, mas sim de facilidade de acesso para acompanhar o seu time bem como chegar com mais rapidez e segurança ao destino desejado.

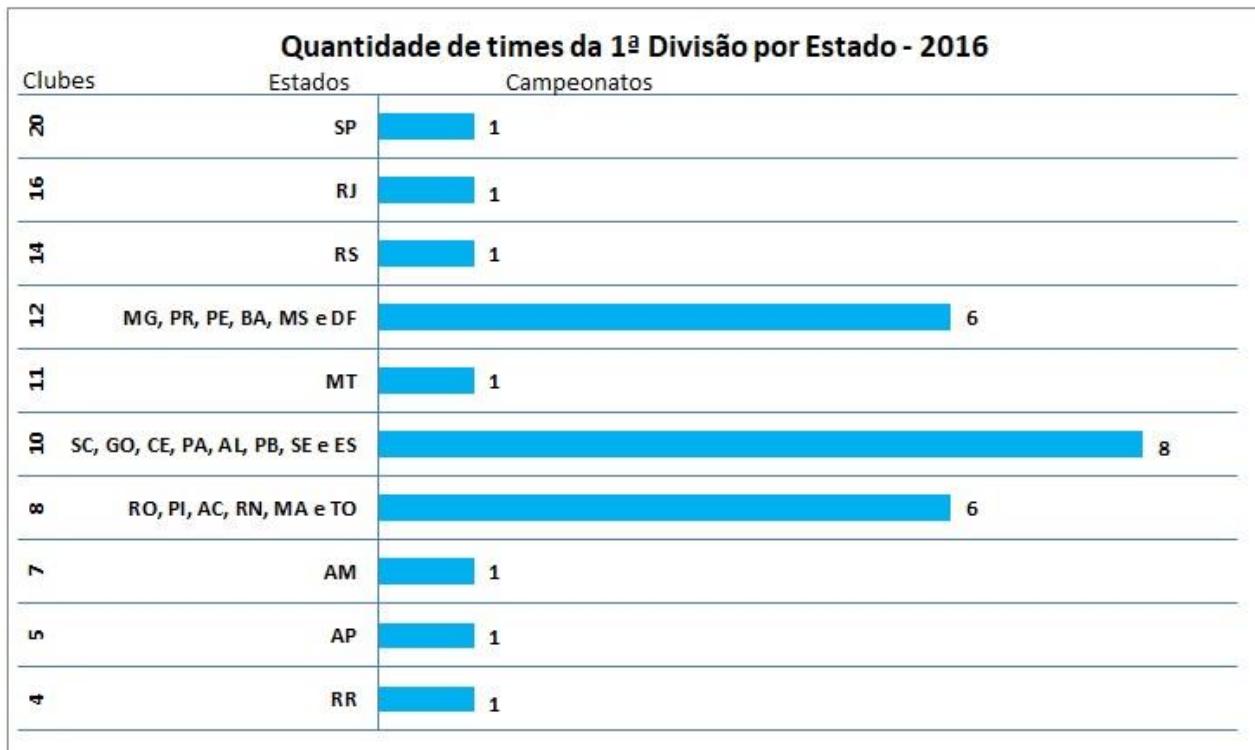
Figura 16: Mapa Rodoviário do Estado de São Paulo



Por fim um item importante levado em conta para a organização de um torneio sadio é a participação de pelo menos 10 clubes compondo uma região, garantindo um número mais estável de jogos com diversidade minimamente aceitável de clubes e evitando um desequilíbrio muito grande de clubes entre as regiões propostas.

Essa quantidade foi estabelecida pela constatação de que, em 2016, a maioria dos campeonatos estaduais brasileiros tiveram 10 clubes participando na primeira divisão. Sendo assim foi seguida essa regra vigente em outros campeonatos como ponto mínimo para a existência de uma região.

Figura 17:



Fonte: Almanaque dos Estaduais de 2016. Disponível em: <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/almanaque-dos-estaduais-2017/>
 Acesso em: 30/1/2017 e Futebol Nacional. Disponível em <https://futebolnacional.com.br/infobol/> Acesso em 30/1/2017. Org: Caetano, V. D. (2017).

Como auxílio argumentativo, lembrou-se que, no campeonato inglês de futebol, a partir da quinta divisão²¹, os clubes vão se segmentando de acordo com a escala regional e/ou municipal que se encontram. Essa capilaridade faz com que times semiprofissionais e principalmente amadores participem do quadro federativo. Mais uma opção para os clubes que criam ligas amadoras de futebol, geralmente municipais, de se integrarem ao sistema federativo e mais um ponto a favor para esta proposta, pois se trata de um tipo de organização hierárquica atuante em um campeonato nacional de importância mundial.

5.2 Mapa Regional Proposto

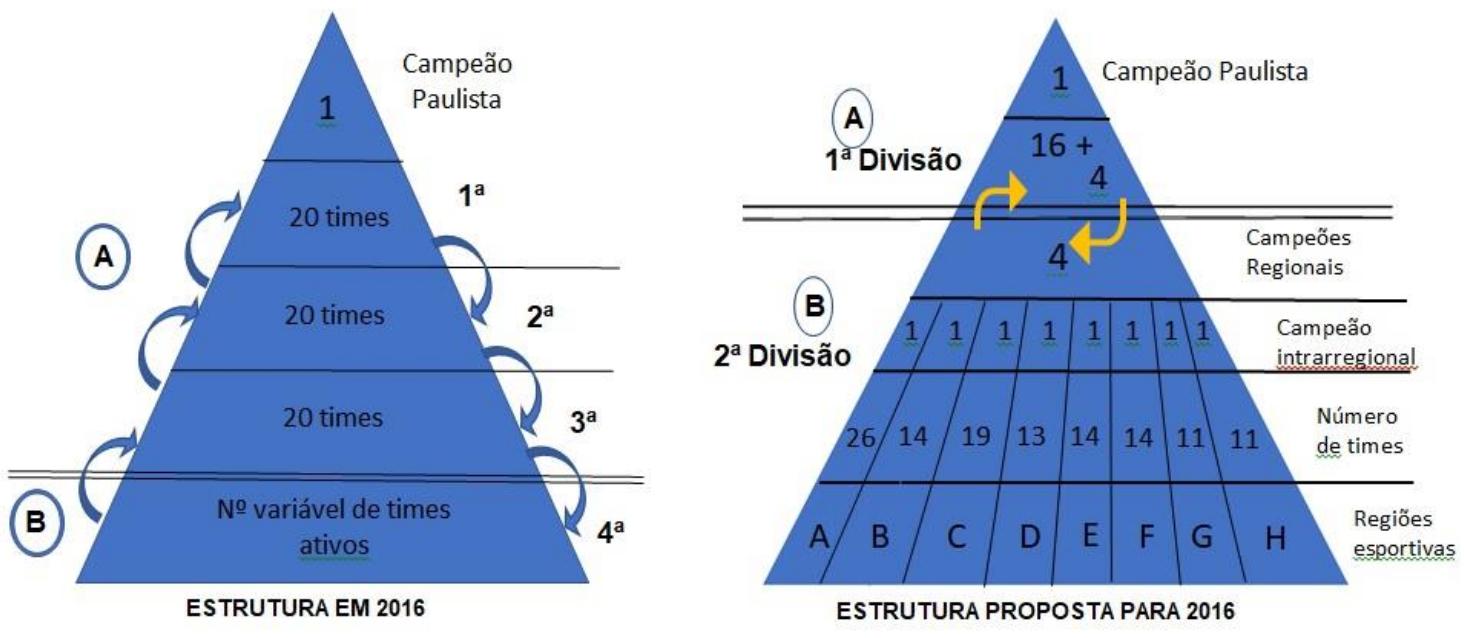
O Mapa Regional proposto é o resultado da constatação de todos os itens balizadores apresentados mais a análise da realidade organizacional que o futebol paulista se encontra com seus clubes federados juntamente com um olhar mais apurado e próximo da realidade regional existente e atuante.

Para se definir o mapa final proposto e suas regiões devemos antes compreender a estrutura hierárquica que a proposta está baseada. Como será a interação dessas oito regiões para se chegar ao campeão no final do torneio.

No gráfico a seguir (figura 18) é apresentado o comparativo da estrutura hierárquica em séries do campeonato paulista de 2016 com a proposta apresentada neste trabalho mostrando as possibilidades e velocidades possíveis para a mobilidade entre as divisões, aumentando sua dinâmica e fluidez para o acesso e o descenso.

²¹ FOOTBALL ASSOCIATION (Inglaterra). Regulations for the establishment and operation of the national league system. Disponível em: <<http://www.thefa.com/myfootball/volunteers/unिंg league-/media/1772ba0777924202bb0nb38a383ef409.ashx>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

Figura 18: Comparação Estrutural da Organização em divisões

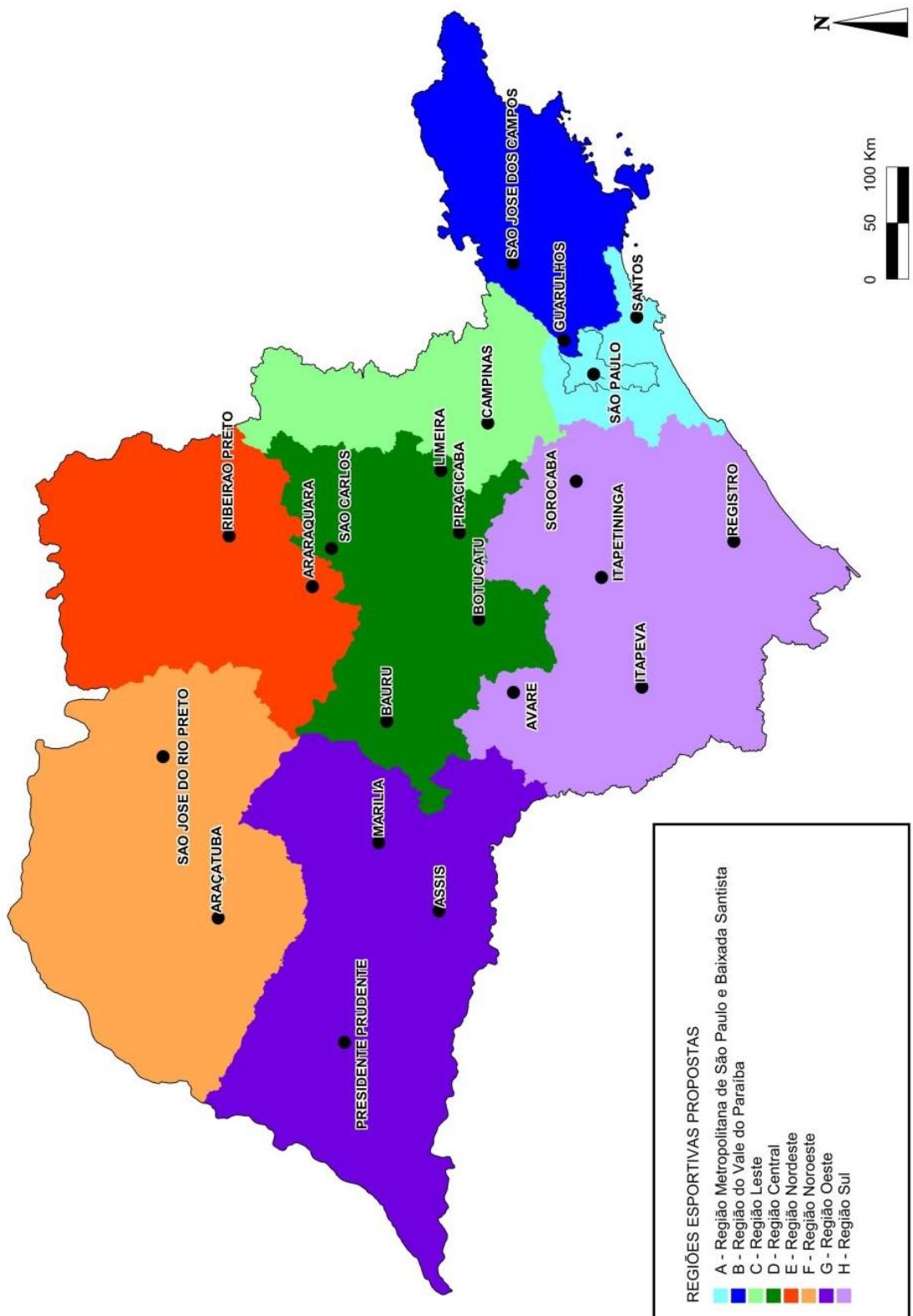


Org: Caetano, V. D. (2017).

A Estrutura Piramidal Proposta conta com número variável de clubes (nas regiões esportivas A até H) devido as diferentes localidades que representam, e terão seus torneios próprios (com regulamentos distintos devido à variação numérica de clubes) e próximos de seus adversários e rivais históricos. Com o estabelecimento das oito regiões foi-se necessário o emparelhamento delas numa fase esportiva posterior onde os vencedores de suas regiões jogam entre si para definir o campeão da Segunda Divisão e quais serão os outros clubes ascendentes à Primeira Divisão.

Portanto, retirando os vinte clubes que disputaram a primeira divisão em 2016 e feito à organização regional com os clubes remanescentes apresentamos a seguir o Mapa Regional Estadual proposto, assim como, nas páginas seguintes, os mapas e tabelas das regiões propostas de maneira individualizada para efeito de comparação.

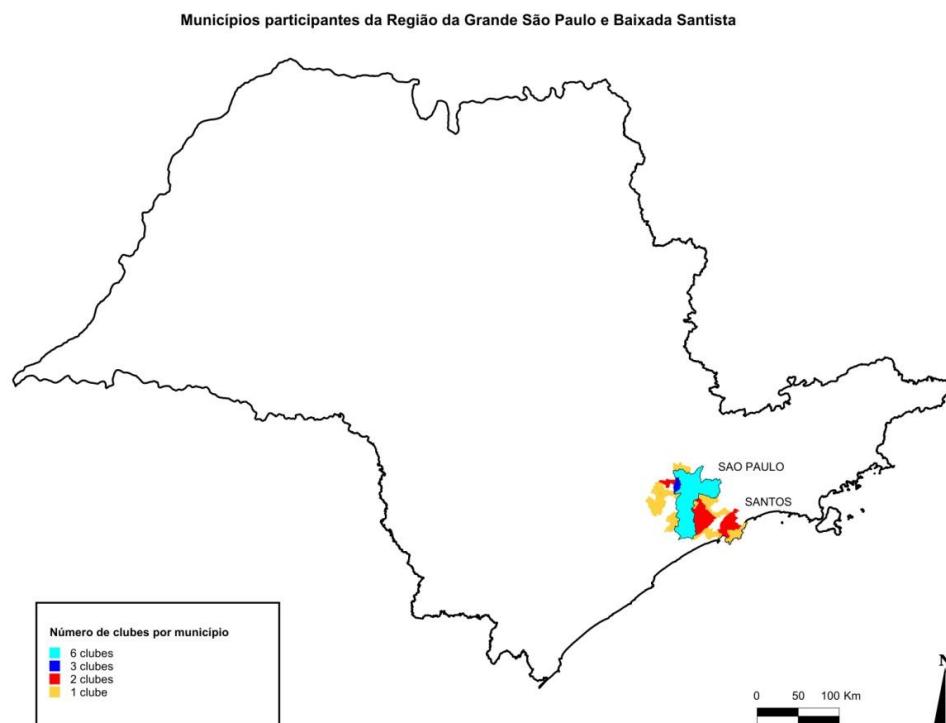
Divisão Regional para a disputa do Campeonato Paulista a partir da segunda divisão



Org.: Caetano, V. D. (2017).

Figura 19:

Figura 20:



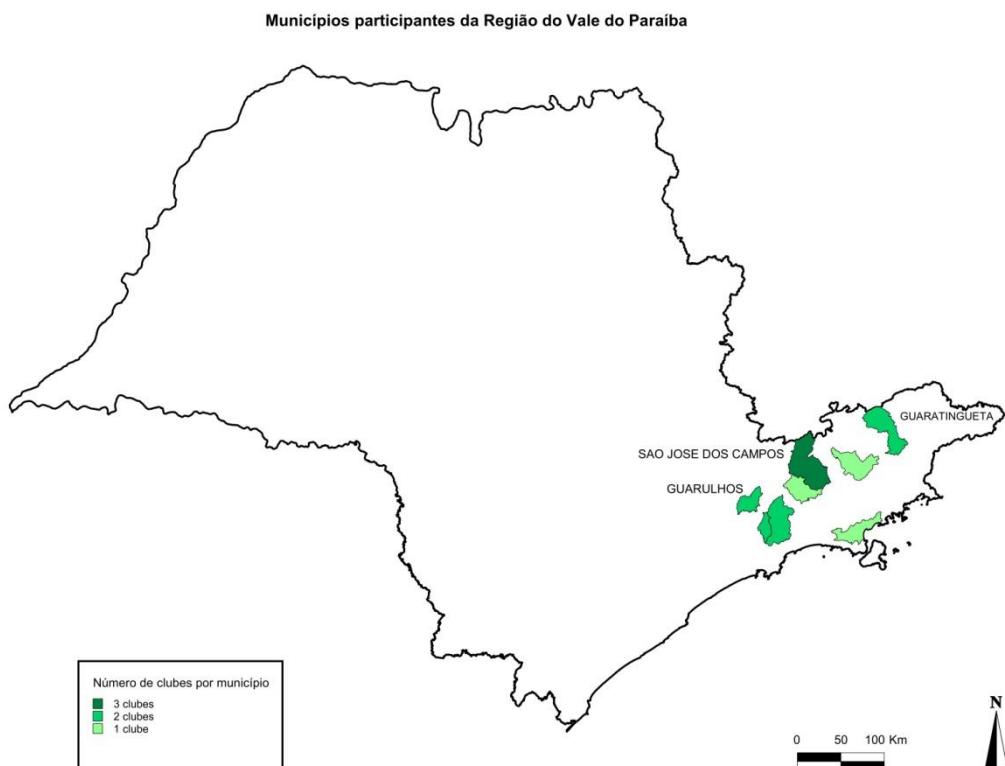
Org.: Caetano, V. D. (2017).

Tabela 10:

A – REGIÃO DA GRANDE SÃO PAULO E BAIXADA SANTISTA											
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Barcelona	São Paulo	10		Grêmio Osasco	Osasco	19		Palmeiras B	São Paulo
2		Cotia	Cotia	11		Guarujá	Guarujá	20		Portuguesa	São Paulo
3		Diadema	Diadema	12		Itapevi	Itapevi	21		Portuguesa Santista	Santos
4		E.C. São Bernardo	São Bernardo do Campo	13		Jabaquara	Santos	22		Santo André	Santo André
5		ECO	Osasco	14		Juventus	São Paulo	23		São Caetano	São Caetano do Sul
6		Embu-Guaçu	Embu-Guaçu	15		Litorânea	Monte Alegre	24		São Vicente	São Vicente
7		Força	Caieiras	16		Nacional	São Paulo	25		Sport Clube Barueri	Barueri
8		Grêmio Barueri	Barueri	17		Ofc	Osasco	26		Taboão da Serra	Taboão da Serra
9		Grêmio Mauaense	Mauá	18		Palestra	São Bernardo do Campo				

Fonte: FPF, 2016. Org.: Caetano, V. D. (2017).

Figura 21:



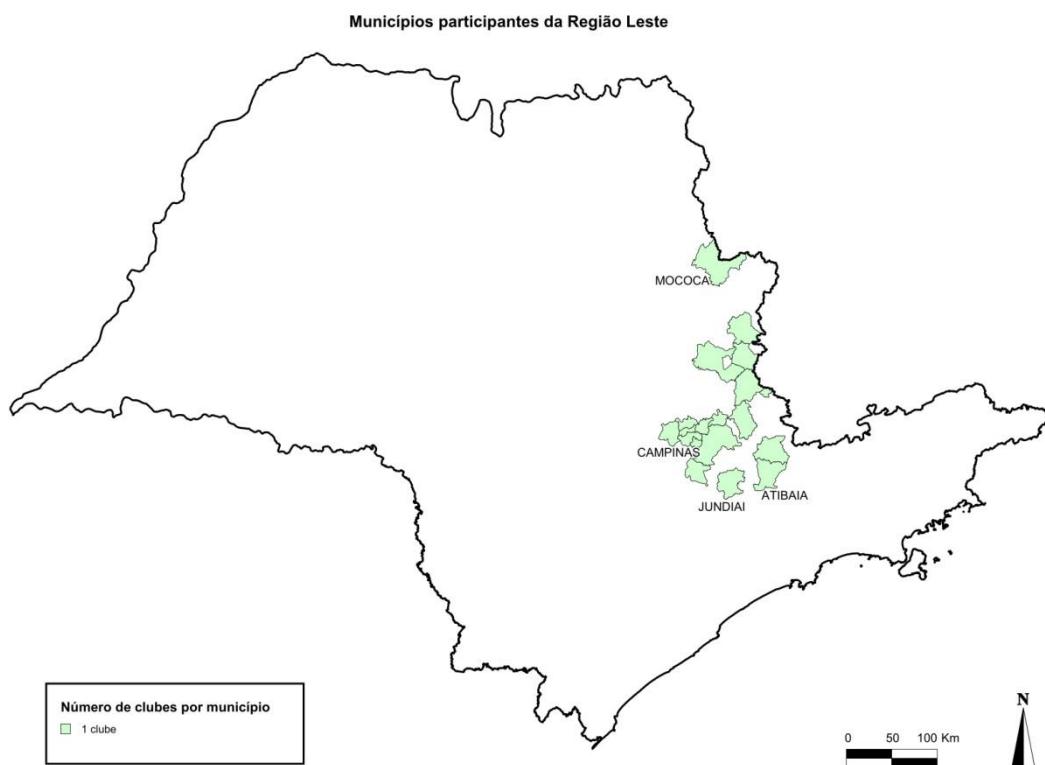
Org.: Caetano, V. D. (2017).

Tabela 11:

B – REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Atlético Mogi	Mogi das Cruzes	8		Primeira Camisa	São José dos Campos
2		ECUS	Suzano	9		São José	São José dos Campos
3		Flamengo	Guarulhos	10		São José dos Campos F.C.	São José dos Campos
4		Guaratinguetá	Guaratinguetá	11		Taubaté	Taubaté
5		Guarulhos	Guarulhos	12		União Mogi	Mogi das Cruzes
6		Jacareí	Jacareí	13		USAC	Suzano
7		Manthiqueira	Guaratinguetá	14		XV de Novembro	Caraguatatuba

Fonte: Org.: Caetano, V. D. (2017).

Figura 22:



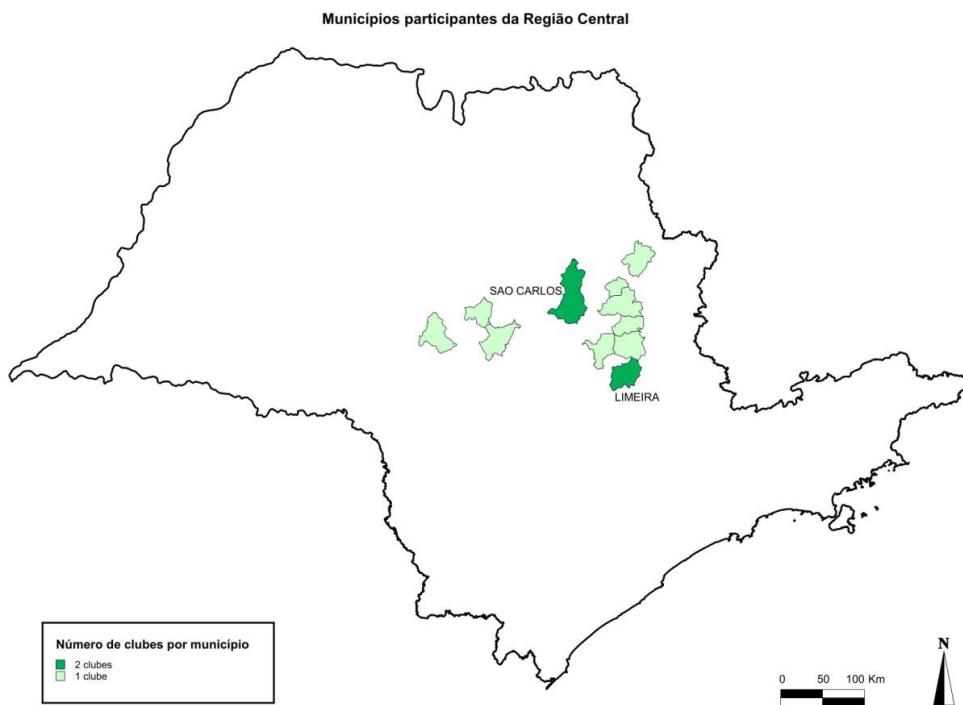
Org.: Caetano, V. D. (2017).

Tabela 12:

C – REGIÃO LESTE											
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Amparo	Amparo	8		Itapirense	Itapira	15		Radium	Mococa
2		Atibaia	Atibaia	9		Jaguaruana	Jaguaruana	16		Rio Branco	Americana
3		Bragantino	Bragança Paulista	10		Nova Odessa	Nova Odessa	17		S.E.V.	Hortolândia
4		Brasili	Águas Lindóia	11		Palmeiras	São João da Boa Vista	18		Sumaré	Sumaré
5		Guacuano	Mogi Guaçu	12		Paulinia	Paulinia	19		União Barbarense	Santa Bárbara D'Oeste
6		Guarani	Campinas	13		Paulista	Jundiaí				
7		Ginásio Pinhalense	Espírito Santo do Pinhal	14		Primavera	Indaiatuba				

Fonte: Org.: Caetano, V. D. (2017).

Figura 23:



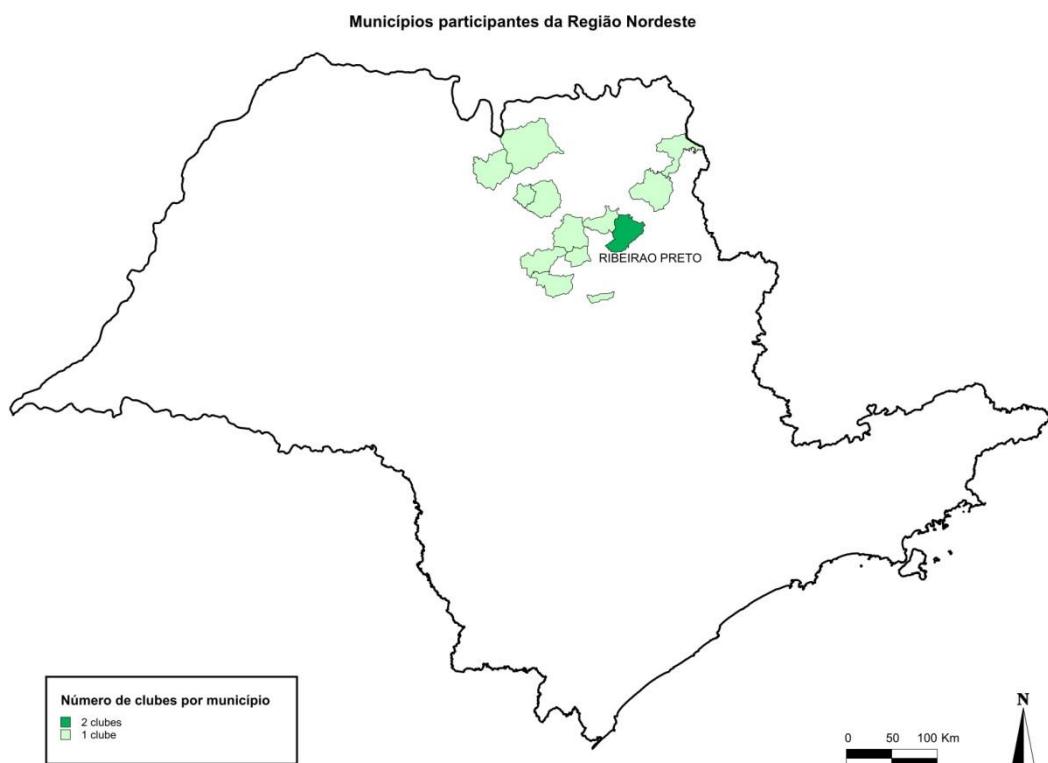
Org.: Caetano, V. D. (2017).

Tabela 13:

D – REGIÃO CENTRAL							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		C.A.L. Bariri	Bariri	8		Paulistinha	São Carlos
2		Esporte Clube União	Tambauá	9		Pirassununguense	Pirassununga
3		Independente	Limeira	10		São Carlos	São Carlos
4		Internacional	Limeira	11		União São João	Araras
5		Lemense	Leme	12		Velo Clube	Rio Claro
6		Noroeste	Bauru	13		XV de Novembro	Jaú
7		Palmeirinha	Porto Ferreira				

Fonte: Org.: Caetano, V. D. (2017).

Figura 24:



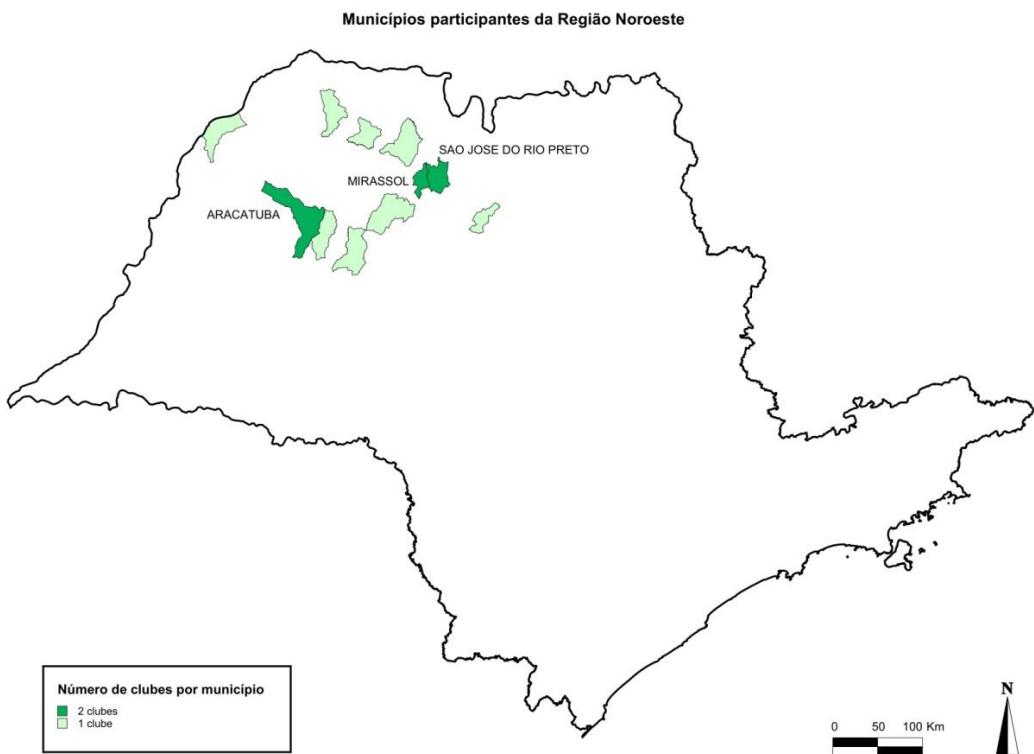
Org.: Caetano, V. D. (2017).

Tabela 14:

E – REGIÃO NORDESTE							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Américo Brasiliense	Américo Brasiliense	8		Jaboticabal	Jaboticabal
2		Barretos	Barretos	9		Matonense	Matão
3		Batatais	Batatais	10		Monte Azul Paulista	Monte Azul Paulista
4		Comercial	Ribeirão Preto	11		Olé Brasil	Ribeirão Preto
5		Francana	Franca	12		Olímpia	Olímpia
6		Guariba	Guaniba	13		Sertãozinho	Sertãozinho
7		Internacional	Bebedouro	14		Taquaritinga	Taquaritinga

Fonte: Org.: Caetano, V. D. (2017).

Figura 25:



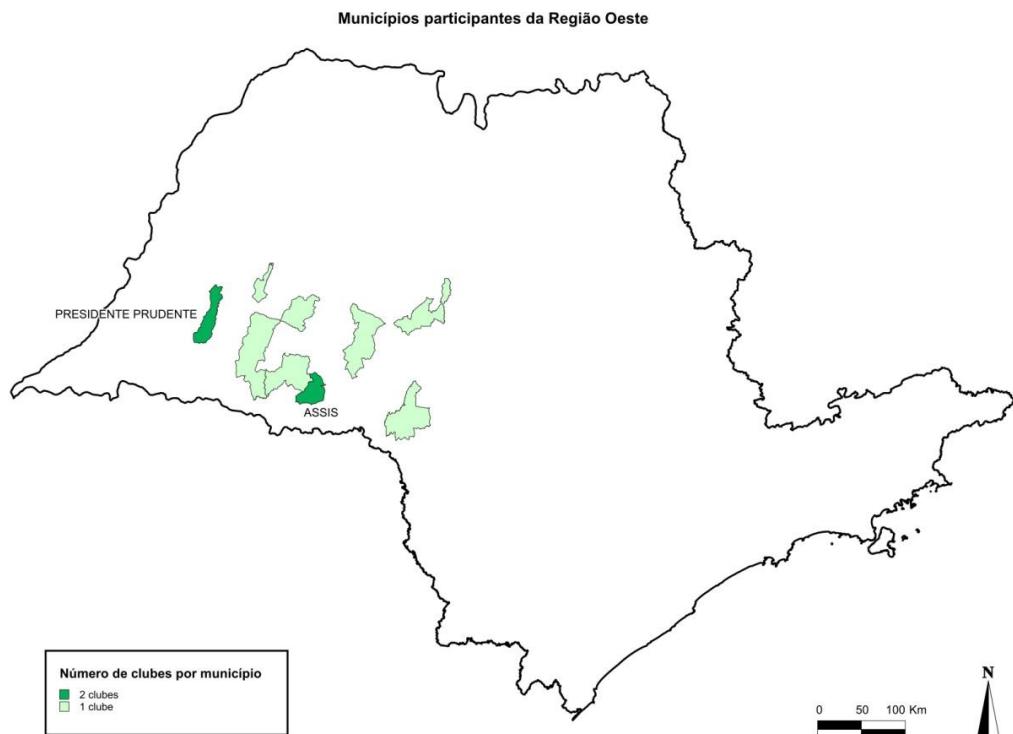
Org.: Caetano, V. D. (2017).

Tabela 15:

F – REGIÃO NOROESTE							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		América	São José do Rio Preto	8		Ilha Solteira	Ilha Solteira
2		Araçatuba	Araçatuba	9		José Bonifácio	José Bonifácio
3		Atlético Araçatuba	Araçatuba	10		Mirassol	Mirassol
4		Bandeirante	Birigui	11		Penapolense	Penápolis
5		Brasa	Mirassol	12		Rio Preto	São José do Rio Preto
6		Catanduvense	Catanduva	13		Tanabi	Tanabi
7		Fernandópolis	Fernandópolis	14		Votuporanguense	Votuporanga

Fonte: Org.: Caetano, V. D. (2017).

Figura 26:



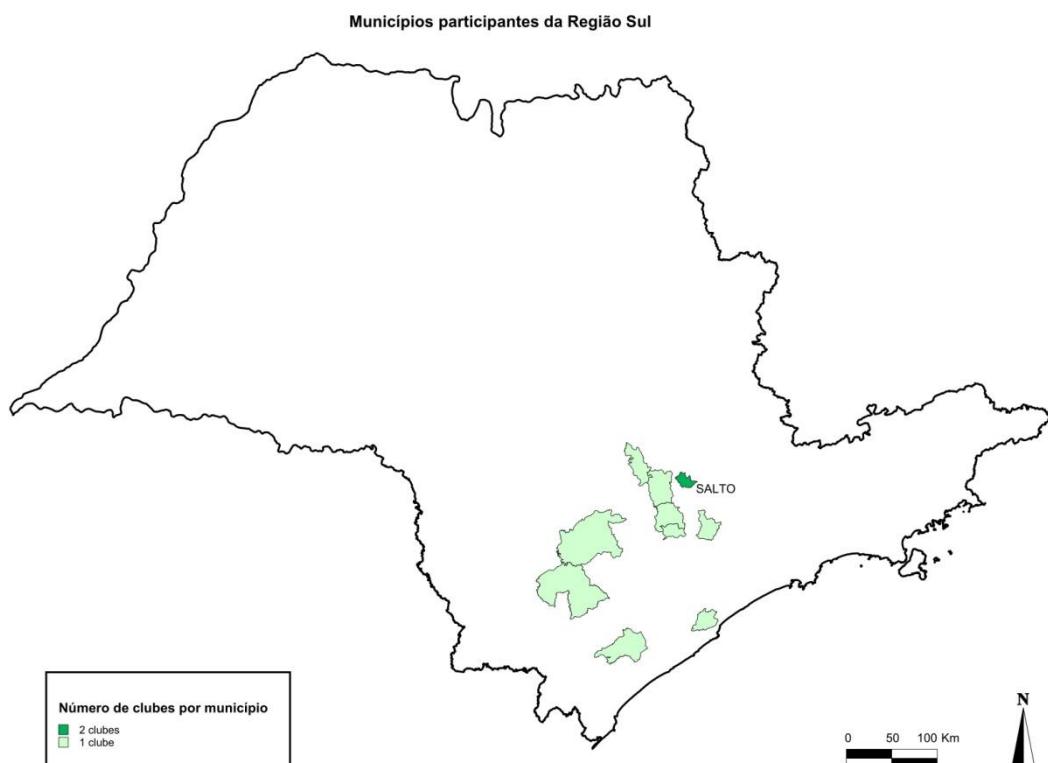
Org.: Caetano, V. D. (2017).

Tabela 16:

G – REGIÃO OESTE							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Assisense	Assis	7		Presidente Prudente	Presidente Prudente
2		Flamengo	Pirajuí	8		Ranchariense	Rancharia
3		Grêmio Prudente	Presidente Prudente	9		Santacruzense	Santa Cruz do Rio Pardo
4		Marília	Marília	10		Tupã	Tupã
5		Osvaldo Cruz	Osvaldo Cruz	11		VOCEM	Assis
6		Paraguaçu Paulista					

Fonte: Org.: Caetano, V. D. (2017).

Figura 27:



Org.: Caetano, V. D. (2017).

Tabela 17:

H – REGIÃO SUL							
	Distintivo	Clube	Cidade		Distintivo	Clube	Cidade
1		Atlético Saltense	Salto	7		Elosport	Capão Bonito
2		Atlético Sorocaba	Sorocaba	8		Guarani	Salto
3		Comercial	Registro	9		Itararé	Itararé
4		Comercial	Tietê	10		Paulistano	São Roque
5		DERAC	Itapetininga	11		Votoraty	Votorantim
6		Desportivo Brasil	Porto Feliz				

Fonte: Org.: Caetano, V. D. (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de uma nova maneira de organizar o campeonato paulista, com base em critérios de proximidade geográfica no interior de regiões administrativas estabelecidas, partiu de conceitos geográficos de região e regionalização já abordados neste trabalho, além, é claro, de uma análise histórica, trazendo o fenômeno cultural chamado futebol para o campo de análise da Geografia.

A motivação de regionalização foi o de trazer de volta um “sentimento” outrora perdido do inicio da popularização do futebol quando times de fábrica e ferroviários ainda se arriscavam em torneios recém-criados a partir de ligas amadoras.

A expansão de empresas multinacionais ligados ao comércio de produtos esportivos, a exploração da imagem dos jogadores associado a marcas esportivas ou não, além do aumento de telespectadores nos jogos de futebol das grandes metrópoles, ocasiona novos hábitos de consumo midiático. Nota-se que os times de maior expressão nacional, no que tange a quantidade de torcedores, ao profissionalismo, ao marketing, ao investimento capital de patrocinadores e à ação midiática, estão localizados nas grandes cidades do país. A densidade demográfica, a forte industrialização, a potência tecnológica das principais capitais do país podem estar atrelados ao forte investimento nos clubes considerados grandes. Em times de menor expressão localizados em municípios do interior dos Estados, esses fatores elencados são praticamente inexpressivos, o que indica um menor investimento e apoio às equipes.

Outro aspecto da motivação da regionalização é o de incentivar, promover e torcer pela entrada de novos clubes ou o retorno de antigos ao campeonato pela grande chance de diminuição de custos e distâncias, mesmo que entrem na competição pelo simples papel de jogar ou com intuito de revelar jogadores.

Também se pode falar em oportunizar ou otimizar a competição de times

menos conhecidos jogando mais vezes ou com maior regularidade; incrementar a mobilidade advinda da proximidade geográfica de forma a possibilitar menor deslocamento, menor custo, etc.; oferecer oportunidade para maior participação entre times da mesma região (clássicos - duelos entre cidades e derbys - duelos de times de mesma cidade); abrir espaço para a volta de clubes que outrora participavam do referido campeonato, mas que estejam inativos ou ausentes atualmente.

Esses fatores possibilitariam o reavivamento do sentimento de orgulho local, despertando a sensação de pertencimento à cidade natal ou a região em que o torcedor reside. Também estimularia a ascensão de apelo do torcedor ao time local, igualando ou superando a torcida aos times ditos “nacionais” já conhecidos (Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, etc.).

A motivação para isso pode ser notada lembrando-se que no Brasil como um todo existe a tradição de pessoas moradoras no interior dos Estados torcerem por dois times: um Grande, não necessariamente da capital, mas que está sempre disputando títulos e o local, o da sua cidade ou região. Boa parte da população, na verdade, apenas torce para o time de peso estadual enquanto outros poucos torcem apenas pelo time local; estendendo o conceito, ainda há outros que torcem apenas para a Seleção Brasileira ou nem mesmo gostam de futebol!

É interessante mencionar a problemática de se estabelecer justificativas e métodos para esquematizar as oito regiões geográficas, partindo-se de critérios e bases teóricas da Geografia Quantitativa. Entretanto, o uso da geografia tradicional foi minimizado, pois foi considerado o grau de industrialização e homogeneização dos tipos de meios de transporte utilizados e os tipos de relações econômicas estabelecidas com a metrópole. O tipo de homogeneidade que a “modernidade” em que vivemos está proporcionando (pelo menos uma sensação de todos juntos na mesma TV, carros, e tipo de vida parecido...), mas mesmo assim há traços de gêneros de vida específicos em algumas regiões do Estado, pois a característica física e/ou natural influiu nos primórdios da colonização do interior traçando o desenho inicial dos novos povoados e também hoje em dia por possuir regiões mais dinâmicas e outras

menos dinâmicas impactando um tipo de visual, de paisagem.

Diante disso não se pode descartar esse tipo de visão regional por mais antiga que ela seja, num tempo onde geografia era respeitada e limitada por descrições cartográficas e naturalistas, pois sua representação é a que serve como base para que os paradigmas subsequentes possam assentar-se nas análises geográficas. Região Natural, Gêneros de vida representam o mundo real visível, palpável onde a vida em sociedade se estabelece; são a base territorial possuidora de montanhas, planícies, rios, que está sempre interagindo com os grupos humanos.

A Geografia Quantitativa é a principal corrente de pensamento geográfico para o tipo de proposta feita no trabalho de regionalizar o campeonato, pois a partir de uma ideia e de mapas e dados mensuráveis e classificações estatísticas tenta-se construir uma proposta/alternativa que proporcione uma melhor maneira de organização/arranjo espacial.

Se na geografia tradicional coloca-se a região natural como base de orientação territorial, a Geografia Quantitativa vem em seguida mensurando tudo e a todos com seus cálculos, métodos de análise, observações estatísticas, modelos que serão devidamente representados em mapas temáticos e físicos. Ela é uma ferramenta que, bem aplicada, ajuda a entender esse nosso mundo fluído e intenso que chegamos até aqui. Estudos e mapas que avaliam questões migratórias, densidades demográficas, fluxos de pessoas e mercadorias se movendo no espaço. Ela pode representar uma maneira para que o pesquisador consiga minimamente entender e dominar o todo que está a sua volta, tornar palpável o mundo real que está em constante movimento (circulação, fluxos, fixos) e ter melhores subsídios para o planejamento, previsão de fenômenos e construção de cenários para que, se bem aplicados, possam mudar para melhor nossa condição de vida como sociedade.

Se o conceito de paisagem, na região natural, é informalmente dito como uma fotografia do espaço, então na geografia quantitativa são os fluxos em constante movimento tanto da geografia física quanto na humana que se torna a fotografia. O mapa elaborado é o momento pausado no espaço sobre o tema

verificado e estudado.

De qualquer forma, pareceu importante abordar esses paradigmas a cerca de região para poder “humanizar” e tentar ser mais criterioso e harmonioso no estabelecimento das oito regiões propostas, pois pareceu muito relevante levar em conta as rivalidades locais (esportivamente), municipais e regionais, além de compreender como que a ferrovia e suas áreas de abrangência e influência acabaram por “moldar” uma relação de amizade e\ou rivalidade entre cidades e também por ser através dela que muitas novidades tecnológicas, agrárias e culturais acabaram por se difundirem e distribuírem pelos trilhos (futebol foi uma delas). As rodovias (as maiores e principais com pista dupla) consolidaram essa distribuição específica e a ampliaram quando se vê o número de estradas vicinais e simples interagindo com as principais rodovias.

Ao retroceder na história da formação do Estado de São Paulo, foram usados critérios da Geografia Crítica no sentido de entender de maneira mais abrangente e totalizante como o capital cafeeiro modificou e impulsionou a economia paulista e a sua necessidade de trabalhadores, além do grande capital que foi gerado e circulado pelas novas terras colonizadas e suas novas necessidades.

Pode não ser visto como algo belo ou grandioso em saber como os cafeicultores, ferrovias e sua ligação ao porto exportador de Santos foi de extrema importância para fixar e estabelecer permanentemente um grande contingente populacional, de um circuito de circulação e produção econômica, técnica e social de que hoje somos descendentes, mas para registrar que assim foi e assim nos mostra o que nos tornamos hoje como produto daquele passado considerado “promissor” para alguns e continuamente “opressor” para outros.

Tendo somado ao trabalho valores de construção histórica e geográfica a Fenomenologia ajuda a entender e delimitar melhor as divisões estabelecidas, pois independentemente dos sentimentos de afeição ou desgosto sempre existiu ou existe e\ou existirá um significado para determinados lugares (e nesse caso: regiões) dentro de cada pessoa baseado

na própria vivência (desde como viajante, leitor de textos ou telespectador de TV) e quando significados parecidos das pessoas se conectam com uma simbologia e valores para determinados lugares (regiões) já aí sim se começa a constituir (construir) algo mais sólido e razoavelmente coeso.

Dessa forma, a partir da análise histórica crítica, fenomenológica e tecnicista com passagens pelo possibilismo e determinismo chega-se nesse desenho atual com predominância de uso de ideias/conceitos/métodos da Geografia Quantitativa, mas sem esquecer dos outros paradigmas e balizandose com eles.

A análise feita neste trabalho teve como proposta explicar que, atualmente, é possível abranger e aumentar a capacidade de análise\reflexão\compreensão\exatidão\complexidade ao utilizar\analisar mais de uma corrente de pensamento, já que a ideia desse trabalho foi de oferecer uma nova proposta de organização de disputa do Campeonato Paulista de Futebol a partir da segunda divisão e, ao mesmo tempo, englobar os conceitos de região mais difundida da Geografia Moderna como balizadores na elaboração de um mapa com as regiões divididas nos critérios básicos da ciência geográfica.

De acordo com o exposto, pode-se pensar no campeonato paulista da segunda divisão como um campeonato formado por campeonatos menores, de abrangência regional. Espera-se que com essa proposta, tenha-se traçado uma alternativa para que os clubes do interior possam recuperar sua tradição e grandiosidade.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; FERREIRA, Ricardo Pellison. Futebol e Ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.249-258, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16761/18474>>. Acesso em: 13 set. 2016.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. 2^a ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**. São Paulo, v.22, p.102-109, 1994. (Dossiê Futebol).

ARROYO, Mónica. O processo de globalização e a integração regional. In: STROHAECKER, Tânia Marques et al (Org.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: Agb - Seção Porto Alegre, 1998. p. 17-28.

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, 1985.

BOTTA, Emilio. Com problemas financeiros, Atlético Sorocaba não disputará a Série A3: Sem aporte de grupo religioso que mantinha futebol, clube que disputou a elite do Paulistão por quatro anos irá se licenciar na próxima temporada. **Globoesporte.com**. Sorocaba, 31 out. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/sorocaba/futebol/times/atletico-sorocaba/noticia/2016/10/com-problemas-financeiros-atletico-sorocaba-nao-deve-disputar-serie-a3.html>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

BRAGA, Rhalf Magalhães. O espaço geográfico: Um esforço de definição. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 22, p. 65-72, 2007.

BRAGA, Roberto. Cidades médias e aglomerações urbanas no Estado de São Paulo: novas estratégias de gestão territorial. In: USP – Universidade de São Paulo. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo, 2005. p. 2241-2254. Disponível em: <

<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/10.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BRUNA, Gilda Collet. Rede Urbana e Polarização. Estudos básicos para as propostas de planejamento do espaço regional. In: BRUNA, Gilda Collet (Org.). **Questões de Organização do Espaço Regional**. São Paulo: Nobel, 1983, p. 103-117.

CALDAS, Waldenir. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 40-49, 1994. (Dossiê Futebol).

CAMARGO, José Carlos Godoy; REIS JUNIOR, Dante Flávio da Costa. Considerações a respeito da geografia neopositivista no Brasil. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 29, n. 3, p.355-382, set. 2004.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Geografia e futebol? Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. **Terr@Plural**. Ponta Grossa, v.2, n.2, p. 249-265, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; ROSSINI, Rosa Ester. População e processo de estruturação do espaço geográfico. In: **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo, v.2, p.7-18, 1983.

CORREA, Roberto Lobato. Rede urbana e formação espacial – uma reflexão considerando o Brasil. In: **Revista Território**. Rio de Janeiro: UFRJ, n.8, p.121-129, 1999.

_____. **Região e organização espacial**. 8^a ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais do que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DUARTE, Aluizio Capdeville. Regionalização: considerações metodológicas. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 10, n. 20, p. 5-32, 1980.

DUARTE, Orlando. **História dos Esportes**. São Paulo: Senac, 2003.

EGLER, Claudio Antonio Gonçalves; BESSA, Wagner de Carvalho; GONÇALVES, André Freitas. Dinâmica territorial e seus rebatimentos na organização regional do estado de São Paulo. **Revista Confins**, Rio de Janeiro, n. 19, 2013. UFRJ. Disponível em: <<https://confins.revues.org/8602?lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

EMPLASA (São Paulo). Governo do Estado de São Paulo. **Aglomeração Urbana de Piracicaba**. Disponível em: <<https://www.emplasa.sp.gov.br/AUP>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

_____. Governo do Estado de São Paulo. **Macrometrópole Paulista**. Disponível em: <<https://www.emplasa.sp.gov.br/MMP>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

FARAH NETO, José Jorge; KUSSAREV JUNIOR, Rodolfo. **Almanaque do Futebol Paulista 2001**. São Paulo: Panini Brasil Ltda, 2001.

FELDMAN, Sarah. Política urbana e regional em cidades não-metropolitanas. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos (Org.). **Regiões e cidades, cidades nas regiões: O desafio urbano-regional**. São Paulo: Anpur/editora Unesp, 2003. p. 465-475.

FOOTBALL ASSOCIATION (Inglaterra). **Regulations for the establishment and operation of the national league system**. Disponível em: <<http://www.thefa.com/myfootball/footballvolunteers/runningaleague/~/media/1772ba0777924202bb0db38a383ef409.ashx>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

FUTEBOL NACIONAL. **Competições, Equipes e Jogadores**. Disponível em: <<https://futebolnacional.com.br/infobol/>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

FPF, Federação Paulista de Futebol. (São Paulo). **Demais clubes filiados** Disponível em: <<http://2016.futebolpaulista.com.br/Clubes/%2B+Filiados>>. Acesso em: 28 out. 2016.

. Regulamento do campeonato paulista de 2016: Série A1 Disponível em: < <http://2016.fpf.org.br/arquivos/201603/1147389882.pdf> >. Acesso em: 28 out. 2016.

. Regulamento do campeonato paulista de 2016: Série A2 Disponível em: < <http://2016.fpf.org.br/arquivos/201604/2062545011.pdf> >. Acesso em: 28 out. 2016.

. Regulamento do campeonato paulista de 2016: Série A3 Disponível em: < <http://2016.fpf.org.br/arquivos/201603/1429708416.pdf> >. Acesso em: 28 out. 2016.

. Regulamento do campeonato paulista de 2016: Segunda Divisão Disponível em: < <http://2016.fpf.org.br/arquivos/201603/1591028481.pdf> >. Acesso em: 28 out. 2016.

FREMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

GEIPOT (Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes). Ministério dos Transportes. Mapas: Rede ferroviária brasileira: traçado de 1984. **Anuário estatístico dos transportes 1985. Brasília, 1985.** Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1984Fepasa.shtml> Acesso em: 30 mai. 2017.

GEBARA, Ademir. Esporte e identidade nacional: reflexões sobre o caso brasileiro. In: GEBARA, Ademir; PILATTI, Luiz Alberto (Org.). **Ensaios sobre história e sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006, p. 103-124.

GLOBOESPORTE.COM. **Almanaque dos Estaduais de 2016**. Disponível em: < <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/almanaque-dos-estaduais-2017/> >. Acesso em: 30 jan. 2017.

. Joseense pede A3 'regionalizada' para valorizar rivalidade no Vale: Joseense x Taubaté será o clássico do Vale do Paraíba no Campeonato Paulista da Série A3 de 2013; conselho será no dia 22 deste mês.

11 nov. 2012. São José dos Campos. Disponível em:
<http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-pariba-regiao/futebol/times/joseense/noticia/2012/11/joseense-pede-a3-regionalizada-para-valorizar-rivalidade-no-vale.html>. Acesso em: 14 out. 2016.

GRIGG, David. Regiões, modelos e classes. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, v. 32, n. 234, p. 3-47, 1973.

GUIA GEOGRÁFICO (ESTADO DE SÃO PAULO). **Mapa Rodoviário do Estado de São Paulo**. Disponível em: < <http://www.sp-turismo.com/mapa.htm> >. Acesso em: 30 nov. 2016.

HAESBAERT, Rogério. Região e redes transfronteiriças em áreas de migração brasileira nos vizinhos do Mercosul. In: STROHAECKER, Tânia Marques et al (Org.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: Agb - Seção Porto Alegre, 1998. p. 59-68.

_____. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

IBGE. Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas. Rio de Janeiro: IBGE/Diretoria de Geociências, 1990 135 p.

_____. **São Paulo - Distribuição Espacial da população em 2010**. 2010. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_estaduais_e_distrito_federal/sociedade_e_economia/mapas_de_densidade/Sao Paulo 2010.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2017.

_____. **São Paulo - Mesorregiões**. 2015. Disponível em: <<http://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa207943>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

_____. **São Paulo - Microrregiões**. 2015. Disponível em: <<http://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa207915>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

IGC. Mapa das Regiões Administrativas e Metropolitanas do Estado de São Paulo. 2014. Disponível em: < http://www.igc.sp.gov.br/produtos/regioes_adm.html# >. Acesso em: 25 mai. 2015.

_____. **Mapa das Regiões de Governo do Estado de São Paulo.** 2014. Disponível em: <http://www.igc.sp.gov.br/produtos/regioes_govemo.html>. Acesso em: 25 mai. 2015.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. À geografia dos esportes: uma introdução. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. 3, n. 35, p.1-16; mar. 1999. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-35.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

_____. Futebol e modernidade no Brasil: A geografia histórica de uma inovação. **Efdeportes: Revista Digital**, Buenos Aires, v. 3, n. 10, p.1-10, maio 1998. Universidad de Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/geo1.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. Mundo e Lugar: A introdução do futebol no Brasil urbano. **Revista Experimental**, São Paulo, v. 3, n. 6, p.95-110, mar. 1999. Humanitas Publicações.

_____. São Paulo: a cidade e o futebol. **Efdeportes: Revista Digital**, Buenos Aires, v. 8, n. 46, p.1-7, mar. 2002. Universidad de Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd46/cidade.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2009.

JUILLARD, Etienne. La Region: Ensayo de definicion. In: MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega (Org.). **El pensamiento geográfico: Estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales)**. Madrid: Alianza, 1982. p. 289-302.

LEITE, Adriana Filgueira. O Lugar: Duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências**. Rio de Janeiro, 1998, p. 9-20. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2016.

LENCIOMI, Sandra. Cisão territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos (Org.). **Regiões e cidades, cidades nas**

regiões: O desafio urbano-regional. São Paulo: Anpur/editora Unesp, 2003. p. 465-475.

_____. Região e geografia. A noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 187-204.

LOURENÇO, Leonardo. Nova Geografia: Descentralização marca a edição de 2011 do Campeonato Paulista, que começa hoje. **Folha de São Paulo: Caderno de Esportes**. São Paulo, 15 jan. 2011. p. 6-7. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1501201105.htm>>. Acesso em: 14 out. 2016.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e Nações**. São Paulo: Contexto, 1998.

MEGALE, Januário Francisco (Org.). **Max. Sorre**. São Paulo: Ática, 1984.

METRÔ (São Paulo). Secretaria dos Transportes Metropolitanos. **Licenciamento ambiental - Linha 18 bronze**. Disponível em: <http://www.metro.sp.gov.br/metro/licenciamento-ambiental/pdf/minha_18_bronze/eia/volume-iii/Arquivo-20.pdf>. Acesso em: 14 out. 2016.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. Estudo sobre aglomeração urbana no contexto das cidades médias. In: AGB - ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre, 2010. p. 1-12. Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4504>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 18. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Revista Etc...: etc, espaço, tempo e crítica**, Niterói, v. 1, n. 1 (3), p.55-70, jun. 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/etc/UPLOADs/etc2007_1_3.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40. In: COSTA, Márcia Regina da et al (Org.). **Futebol espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999. p. 214-239.

PRECCARO, Fabio Franciso Gorski. **Alto preço e burocracia na FPF: Veja como filiar um clube na Federação Paulista de Futebol.** 20 mai. 2013. Disponível em: <<http://www.fiamfaam.br/momento/?pg=leitura&id=4375&cat=0>>. Acesso em: 26 set. 2016.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A Metamorfose do Futebol.** Campinas: Unicamp, 2000.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993. Tradução de Maria Cecília França.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Lazer e Esporte: A espetacularização do futebol. In: BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Temas sobre o lazer.** Campinas: Autores Associados, 2000. p. 131-143. (Coleção educação física e esportes).

RIBEIRÃO PRETO. Museu do Café Francisco Schmidt. Secretaria Municipal da Cultura de Ribeirão Preto. **Filhos do Café:** Ribeirão Preto da terra roxa - Tradicional em ser moderna. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010. 98 p.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **As ferrovias de São Paulo, 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1981.

SALUN, Alfredo Oscar. Paulistano e Corinthians: Conflitos e negociações na Liga Paulista de Futebol em 1913. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política,** São Paulo, n. 9, p. 15-26, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e Sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional.** São Paulo, Hucitec, 1994.

SÃO PAULO. Portal do Governo. **Conheça os Jogos Regionais e os Jogos Abertos do estado:** Eventos são promovidos pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude. 2016.

Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/conheca-os-jogos-regionais-e-os-jogos-abertos-do-estado>>. Acesso em: 25 out. 2016.

_____. Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude. **Regiões Esportivas:** Portaria G. CEL 03/2016. 2016. Disponível em: <http://www.selj.sp.gov.br/?page_id=426>. Acesso em: 25 out. 2016.

_____. Subsecretaria de Assuntos Metropolitanos. Governo do Estado de São Paulo. **Macrometrópole Paulista.** Disponível em: <<http://www.sdmetropolitano.sp.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SILVA, Armando Correa da. As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de (Org.). **O espaço interdisciplinar.** São Paulo: Nobel, 1986. p. 25-37.

_____. Fenomenologia e Geografia. In: **Revista Orientação**, São Paulo, n.7, p.53-56, 1986.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo!** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. **A História do Campeonato Paulista.** São Paulo: Publifolha, 1997.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar:** A Perspectiva da Experiência. São Paulo: Difel, 1983. Tradução de Lívia de Oliveira.

UNZELTE, Celso. **O livro de Ouro do futebol.** São Paulo: Ediouro, 2002.

ANEXO:

ANEXO A - NOVA GEOGRAFIA DO CAMPEONATO PAULISTA DE 2011



D6 esporte SÁBADO, 15 DE JANEIRO DE 2011

Palmeiras

22 títulos



TIME BASE: Júlio César; Alessandro, Chicoão, Leandro Castán e Roberto Carlos; Ralf, Henrique e Bruno César; Dibinho, Jorge Henrique e Ronaldo
TÉCNICO: Tie

LEONARDO LOURENCO DE SÃO PAULO

O mapa do futebol de São Paulo inicia esta nova década com um desenho diferente, mais descentralizado.

O Campeonato Paulista que comece hoje é o primeirão, desde 1996, que terá seis grupos de cidades que estão além do raio de 200 quilômetros da capital do Estado – na temporada passada, a mudança o campeão Paulista.

A partir de então, uma nova geografia permitiu que clubes que nunca haviam disputado a primeira divisão aparecem no lugar de times tradicionais do interior.

Na década passada, Sertãozinho, Rio Preto e Monte Azul, além de Mirassol e Oeste, estrearam na Série A-1, já o linense volta à primazia depois de mais de cinquenta décadas.

Enquanto isso, clubes

mais tradicionais do interior amargaram outra temporada em desacerto.

O time que venceu o ano

passado, o São Caetano

também será jogado fora do

raio

de 200 km da capital, na

cidade de Itapetininga.

Enquanto São Paulo e

União São João que viveam

o

outro reves longe da capital.

Neste ano, Linense e No-

FOLHA DE SÃO PAULO

SÁBADO, 15 DE JANEIRO DE 2011 ★★★ esporte D7



Palmeiras

22 títulos

TIME BASE: Vitor, Danilo, Maurício Ramos e Rhialdo; Pierre, Marcos Assunção, Lincoln (ingá) e Yıldız; Kleber e Luan
TÉCNICO: Luiz Felipe Scolari

O mapa do futebol de São Paulo inicia esta nova década com um desenho diferente, mais descentralizado.

O Campeonato Paulista que comece hoje é o primeirão, desde 1996, que terá seis

grupos de cidades que estão além do raio de 200 quilômetros da capital do Estado – na

temporada passada, a mudança o campeão Paulista.

Na década passada, Sertãozinho, Rio Preto e Monte Azul, além de Mirassol e Oeste, estrearam na Série A-1, já o linense volta à primazia depois de mais de cinquenta décadas.

Enquanto isso, clubes

mais tradicionais do interior amargaram outra temporada em desacerto.

O time que venceu o ano

passado, o São Caetano

é

o

outro reves longe da capital.

Neste ano, Linense e No-

roste se juntam a Mirassol,

Oeste, Botafogo e Prudente

para confirmar uma tendên-

cia que resurgiu a partir da

metade dos anos 2000.

Entre 1996 e 2005, o Pa-

ulista foi dominado por times

da Grande São Paulo, Santos

e região da Campinas.

A partir de então, uma no-

va geografia permitiu que

clubes que nunca haviam

disputado a primeira divisão

aparecem no lugar de tí-

mos tradicionais do interior.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Na década passada, Ser-

tãozinho, Rio Preto e Monte

Azul, além de Mirassol e

Oeste, estrearam na Série

A-1, já o linense volta à pri-

meira divisão.

O desenho novo é o de-

correr da rodagem das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a Serrinha

é o local de encontro das

equipes que estão

sempre no topo da tabela.

Noite a noite, a